

**CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG  
LETÍCIA EMÍLIA DE OLIVEIRA SALA**

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: CENTRO DE EVENTOS, EXPOSIÇÕES E  
LAZER PARA O MUNICÍPIO DE TUPÃSSI – PARANÁ.**

**CASCABEL**

**2018**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG  
LETÍCIA EMÍLIA DE OLIVEIRA SALA**

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: CENTRO DE EVENTOS, EXPOSIÇÕES E  
LAZER PARA O MUNICÍPIO DE TUPÃSSI – PARANÁ.**

Trabalho de Conclusão do Curso de  
Arquitetura e Urbanismo, da FAG,  
apresentado na modalidade Projetual, como  
requisito parcial para a aprovação na  
disciplina: Trabalho de Curso: Qualificação.

Professor Orientador: Moacir José Dalmina  
Júnior.

**CASCADEL**

**2018**

## RESUMO

Este estudo vem abordar os fundamentos arquitetônicos e referenciais teóricos que servem de embasamento para a proposta projetual de um Centro de Eventos, Exposições e Lazer para a cidade de Tupãssi no oeste do Paraná. Tais referências bibliográficas contêm informações relacionadas à arquitetura como um todo, à cidade e paisagem urbana, os espaços públicos, eventos e o lazer, bem como técnicas e estratégias voltadas para a realização de uma proposta projetual adequada. O Centro de Eventos e Lazer traz benefícios a toda a população, proporcionando maior convívio das pessoas, com um espaço público valorizando a paisagem urbana. Esse estudo se iniciou a partir da seguinte questão: Qual a importância de solucionar a falta de um espaço com infraestrutura adequada para receber festas, eventos e feiras realizadas no município além de um local de lazer? Partindo da hipótese de que por se tratar de uma cidade pequena, em desenvolvimento, sem nenhum atrativo relacionado ao tema pressupõe-se que o município apresenta a necessidade de um espaço e um edifício com esta destinação. A finalidade do projeto é proporcionar um espaço com diversos usos, eventos, práticas culturais e esportivas, local de passeio e lazer, para que ele seja utilizado diariamente por toda a população. Foi realizada uma análise de corretos com o intuito de subsidiar e referenciar o desenvolvimento desse projeto. Além disso, para elaborar tal proposta busca-se projetar integrando o edifício com o meio, adaptando-se ao terreno e criando espaços flexíveis, que promovam encontros e estimulem o convívio social e o uso do espaço pela população. Por fim, é importante destacar que o presente estudo não pretende esgotar todas as questões acerca do tema pesquisado, mas apresentar-se como uma introdução a outras análises que visem à elaboração de novos projetos como a implantação do Centro de Eventos e Lazer.

**Palavras chave:** Arquitetura. Eventos. Lazer. Cultura.

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                    |    |
|--------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1: Mapa do Paraná com enfoque na cidade de Tupãssi. ....    | 27 |
| Figura 2: O Centro de Eventos inserido no Parque Barigui. ....     | 31 |
| Figura 3: Espaço interno do Centro de Eventos .....                | 32 |
| Figura 4: Fachada Principal.....                                   | 33 |
| Figura 5: Integração entre espaço interno e paisagem externa. .... | 33 |
| Figura 6: Mapa do Parque .....                                     | 34 |
| Figura 7: Uso do parque pela população .....                       | 34 |
| Figura 8: Parque Barigui .....                                     | 35 |
| Figura 9: Planta Baixa Expo Barigui. ....                          | 36 |
| Figura 10: Exemplos de opções de layout. ....                      | 36 |
| Figura 11: Vista do Centro Cultural e seu entorno .....            | 37 |
| Figura 12: Esquema Estrutural .....                                | 38 |
| Figura 13: Praça de Eventos. ....                                  | 39 |
| Figura 14: Espaço interior. ....                                   | 39 |
| Figura 15: Implantação do projeto.....                             | 41 |
| Figura 16: Paisagem do entorno .....                               | 40 |
| Figura 17: Entorno da obra do Teatro .....                         | 41 |
| Figura 18: Diferentes organizações possíveis do espaço .....       | 42 |
| Figura 19: Flexibilidade do espaço interno .....                   | 42 |
| Figura 20: Cobertura do edifício .....                             | 43 |
| Figura 21: Fachada do edifício .....                               | 44 |
| Figura 22: Localização do terreno e seu entorno.....               | 45 |
| Figura 23: Vista do terreno .....                                  | 46 |
| Figura 24: Vista do terreno.....                                   | 46 |
| Figura 25: Vista do terreno.....                                   | 46 |
| Figura 26: Vista do terreno.....                                   | 47 |
| Figura 27: Levantamento Planialtimétrico do local .....            | 47 |
| Figura 28: Topografia do terreno e entorno.....                    | 48 |
| Figura 29: Topografia do terreno.....                              | 48 |
| Figura 30: Fluxograma Geral. ....                                  | 53 |
| Figura 31: Fluxograma do Pavilhão de Eventos.....                  | 53 |

|                                                 |    |
|-------------------------------------------------|----|
| Figura 32: Plano Massa Geral .....              | 54 |
| Figura 32: Plano Massa Pavilhão de Eventos..... | 54 |

## **LISTA DE TABELAS**

|                                                         |    |
|---------------------------------------------------------|----|
| Tabela 1: Programa de necessidades: setor eventos ..... | 51 |
| Tabela 2: Programa de necessidades: setor lazer.....    | 52 |

## SUMÁRIO

|                                                           |    |
|-----------------------------------------------------------|----|
| <b>1 INTRODUÇÃO</b>                                       | 9  |
| 1.1 ASSUNTO/TEMA                                          | 10 |
| 1.2 JUSTIFICATIVA                                         | 10 |
| 1.3 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA                                | 10 |
| 1.4 FORMULAÇÃO DA HIPÓTESE                                | 10 |
| 1.5 OBJETIVOS DA PESQUISA                                 | 11 |
| 1.5.1 Objetivo geral                                      | 11 |
| 1.5.2 Objetivos específicos                               | 11 |
| 1.6 MARCO TEÓRICO                                         | 11 |
| 1.7 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO                           | 12 |
| <b>2 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS</b>                            | 13 |
| 2.1 CONTEXTO HISTÓRICO                                    | 13 |
| 2.1.1 Cidade e Arquitetura                                | 13 |
| 2.1.2 Eventos e Exposições                                | 14 |
| 2.2 ESPAÇO E PAISAGEM URBANA                              | 15 |
| 2.3 ELEMENTOS TRANSFORMADORES DO ESPAÇO                   | 18 |
| <b>3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E SUPORTE TEÓRICO</b>          | 20 |
| 3.1 ESPAÇOS DE LAZER E CULTURA                            | 20 |
| 3.1.1 Origem                                              | 20 |
| 3.1.2 Importância, objetivos e funções                    | 21 |
| 3.1.3 O paisagismo                                        | 22 |
| 3.1.4 Sensações e percepções espaciais                    | 24 |
| 3.2 O MUNICÍPIO DE TUPÃSSI                                | 26 |
| 3.3 PROJETANDO UM CENTRO DE EVENTOS E LAZER               | 28 |
| 3.4 CONFORTO AMBIENTAL NOS ESPAÇOS PÚBLICOS               | 29 |
| <b>4 CORRELATOS</b>                                       | 31 |
| 4.1 EXPO BARIGUI                                          | 31 |
| 4.1.1 Análise do correlato                                | 35 |
| 4.2 CENTRO CULTURAL, DE EVENTOS E EXPOSIÇÕES DE CABO FRIO | 37 |
| 4.2.1 Análise do correlato                                | 39 |
| 4.3 TEATRO MULTIFUNCIONAL MONT-LAURIER                    | 41 |

|                                                  |           |
|--------------------------------------------------|-----------|
| 4.3.1 Análise do correlato.....                  | 43        |
| 4.3 SÍNTESE DAS OBRAS CORRELATAS.....            | 44        |
| <b>5 DIRETRIZES PROJETUAIS .....</b>             | <b>45</b> |
| 5.1 O TERRENO.....                               | 45        |
| 5.2 PARTIDO ARQUITETÔNICO E CONCEITO.....        | 48        |
| 5.3 INTENÇÕES PROJETUAIS .....                   | 49        |
| 5.4 PROGRAMA DE NECESSIDADES E SETORIZAÇÃO ..... | 50        |
| 5.5 FLUXOGRAMA.....                              | 52        |
| 5.5 PLANO DE MASSAS .....                        | 54        |
| <b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>               | <b>55</b> |
| REFERÊNCIAS .....                                | 56        |

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como finalidade apresentar uma pesquisa bibliográfica como base para a proposta projetual do Centro de Eventos, Exposições e Lazer para o Município de Tupãssi – Paraná, um local que possua espaços adequados valorizando o espaço coletivo quanto às suas funções, proporcionando o encontro dos usuários e integrando o projeto arquitetônico à paisagem da cidade, criando assim uma identidade.

Dentro da biografia, serão resgatadas e revidadas teorias, técnicas e métodos que englobam o vasto contexto da arquitetura, destacando principalmente a importância dos espaços públicos destinados ao lazer. A pesquisa ajudará na compreensão das reais necessidades da implantação do empreendimento buscando através das referências teóricas uma proposta projetual com estratégias e metodologias essenciais para promover um bom espaço público.

Para contribuir com a elaboração da proposta, além das pesquisas pautadas em autores que formam o referencial bibliográfico, foram analisadas obras correlatas de acordo com contexto, funcionalidade, formas e outros, que somadas à abordagem de diretrizes projetuais irão embasar a elaboração de intenções projetuais e um programa de necessidades que resultará na proposta projetual para o Centro de Eventos e Lazer de Tupãssi.

A escolha do tema para elaboração deste trabalho se deu pelo principal objetivo em aliar duas problemáticas verificadas no contexto social da cidade. Tupãssi é uma cidade pequena, tem cerca de oito mil habitantes, não possui grandes espaços públicos destinados ao lazer da população e também um espaço adequado para a realização de eventos, como por exemplo, a Festa do Município.

É notória a importância para uma cidade e seus habitantes a disposição de um espaço destinado aos eventos e ao lazer. O lazer faz parte das necessidades sociais de um indivíduo, o ser humano necessita de momentos de descanso e convívio social. Por isso, a população busca espaços para sair da rotina e descansar, e daí a importância da cidade oferecer tais locais, como parques e praças, proporcionando opções de lazer de acesso a todos habitantes.

A proposta do Centro de Eventos e Lazer, então, é proporcionar à Tupãssi um espaço com várias atividades para o lazer da população além de um espaço para a realização de grandes eventos, como shows, bailes, exposições e até mesmo atividades culturais.

## 1.1 ASSUNTO/TEMA

O assunto a ser abordado é Arquitetura e Urbanismo com enfoque em lazer e eventos. Nessa linha, o tema é os fundamentos arquitetônicos para a construção de um espaço de eventos e lazer na cidade de Tupãssi – Paraná.

## 1.2 JUSTIFICATIVA

A cidade não possui locais adequados para a realização de eventos além de contar com poucos espaços públicos destinados ao lazer da população, com pouco uso e quase sempre abandonados. A proposta de um Centro de eventos e lazer para Tupãssi tem o intuito de projetar um espaço adequado para a realização de eventos do município além da promoção da cultura, lazer e da integração da população com os espaços públicos e a natureza.

## 1.3 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

Qual a importância de solucionar a falta de um espaço com infraestrutura adequada para receber festas, eventos e feiras realizadas no município além de um local de lazer?

## 1.4 FORMULAÇÃO DA HIPÓTESE

Com a implantação do Centro de Eventos e Lazer cria-se espaços com diversos usos, novas áreas de entretenimento e convívio para os habitantes valorizando o espaço coletivo e suas funções, além de beneficiar a imagem do município e proporcionar qualidade de vida.

Ao proporcionar esse espaço que agrega várias atividades, desde grandes eventos como a Festa do Município, shows e bailes ou até mesmo feiras, palestras e atividades culturais, além do local para prática de exercícios físicos e locais de lazer, encontro e descanso, o espaço público passa a ter mais utilização pela população.

## 1.5 OBJETIVOS DA PESQUISA

### 1.5.1 Objetivo geral

Elaborar uma proposta teórica e projetual de um Centro de Eventos e Lazer para o Município de Tupãssi, um espaço de uso público com uma nova identidade que atenda e permita as atividades da comunidade.

### 1.5.2 Objetivos específicos

- Desenvolver levantamento teórico sobre o tema;
- Demonstrar através dos fundamentos arquitetônicos a importância dos espaços de eventos, cultura e lazer;
- Analisar correlatos seguindo sua função, forma e técnica que darão as diretrizes para a elaboração do projeto arquitetônico;
- Desenvolver diretrizes projetuais, características do terreno e do Município de Tupãssi;

## 1.6 MARCO TEÓRICO

Com a diminuição das horas de trabalho e conseqüentemente o aumento de horas livres, a manutenção ou criação de espaços livres passaram a ser uma necessidade e constituem uma questão de saúde pública para o ser humano (CORBUSIER, 1993).

A necessidade do lazer sempre esteve presente na vida da humanidade, apenas variando de significado de acordo com os momentos históricos. O crescimento das possibilidades de consumo de bens e serviço, a organização da sociedade civil e do poder público foram essenciais para se entender a necessidade de assegurar o direito constitucional ao lazer e suas possibilidades de atuação no plano cultural (MARCELLINO, 2001).

Amplos espaços deverão ser reservados e organizados, sendo que esses espaços não terão por função somente o embelezamento da cidade. Antes de qualquer coisa, devem ter um papel útil, oferecendo várias opções de atividades saudáveis e entretenimento aos habitantes da cidade, como passeio sem meio à beleza dos lugares, esportes, teatros e concertos ao ar livre e, eventos diversos (CORBUSIER, 1993).

Segundo Colin (2000) antes de se pensar em um edifício é necessário que a sociedade precise dele, que ele tenha uma. A forma volumétrica em determinados casos assume um

papel de maior importância, como quando se trata de um marco arquitetônico e edifícios de grande função representativa para a sociedade. A obra deve estar baseada em um conteúdo social, a arquitetura vai além de uma simples edificação feita de formas e materiais, ela constrói a paisagem da cidade e é o cenário do nosso dia a dia, ela é uma expressão cultural e sempre significa algo para a sociedade, ou seja, além de abrigar uma atividade o edifício também a representa.

## 1.7 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

A metodologia adotada para este trabalho é embasada em estudos e pesquisas bibliográficas. De acordo com Parra Filho e Santos (1999), qual seja o assunto a ser tratado sempre é necessário realizar uma pesquisa bibliográfica para obter uma fundamentação prévia do tema.

A bibliografia nada mais é que o conjunto de livros escritos sobre determinado assunto e a pesquisa bibliográfica consiste na consulta dessas fontes, para levantamento e análise do que já se produziu sobre determinado assunto que assumimos como tema de pesquisa científica (RUIZ, 2002).

## 2 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS

### 2.1 CONTEXTOS HISTÓRICOS

#### 2.1.1 Cidade e Arquitetura

Foi a partir das aldeias que as cidades nasceram, porém não é apenas o crescimento de uma aldeia. A formação das cidades se deu a partir do momento em que as pessoas que executavam os serviços e indústrias não eram as mesmas que cultivavam a terra (BENEVOLO, 2003).

A arquitetura, segundo Glancey (2001), surgiu justamente quando a humanidade passou a praticar regularmente a agricultura, pois era necessário que as pessoas cuidassem da terra e permanecessem em locais estabelecidos em vez de continuarem sendo nômades como seus ancestrais.

O autor então expõe que o nascimento da arquitetura foi contemporâneo ao nascimento da cidade e da alimentação da cidade por terras agrícolas que a serviam e vice-versa. Os povos estabelecidos para cultivar a terra criaram as primeiras cidades e nelas ergueram lares, templos e palácios permanentes (GLANCEY, 2001).

Para Zevi (1996), descrever o desenvolvimento da arquitetura é entender a própria história da civilização, baseando-se nas exigências de natureza, cultura, costumes, religião e economia de cada civilização. Todos esses fatores, analisados em conjunto, apresentam a cena sobre a qual a arquitetura nasce, produto da coexistência e do equilíbrio de todos os componentes da civilização em que surgem.

Desde a antiguidade, a arte de construir influenciou a arte de organizar a cidade e vice-versa (BRUAND, 2005). Para Gympel (2000), onde o homem vivia existiam cabanas e casas, mas também há construções que respondem as necessidades da alma e espírito. Além disso, a construção altera o espaço exterior: a cidade é um ambiente artificial conquistado à natureza.

“As formas arquitetônicas, através da história, sempre serviram para representar os sentimentos, sobretudo no que se refere as orientações emocionais coletivas, seja do fausto hedonista dos romanos, materializando nos gigantescos espaços dos termas,\* seja da religiosidade católica, expressa de diversas maneiras – na riqueza mural dos templos bizantinos, na verticalidade ascética das catedrais, ou na luminosidade dos vitrais góticos.” (COLIN, 2000, p. 104).

Benevolo (2003) relata que na cidade grega o novo caráter de convivência civil definiu quatro caracteres – unidade, articulação, equilíbrio e limite de crescimento – que passou a ser o modelo universal de cidade, sendo um desses fatores:

“O espaço da cidade se divide em três zonas: as áreas privadas ocupadas pelas casas de moradia, as áreas sagradas – os recintos com os templos dos deuses – as áreas públicas, destinadas às reuniões políticas, ao comércio, ao teatro, aos jogos desportivos, etc. O estado que personifica os interesses gerais da comunidade, administra diretamente as áreas públicas, intervém nas áreas sagradas e nas particularidades.” (BENEVOLO, 2003, p. 78).

Já na cidade pós-liberal, as atividades recreativas foram reavaliadas e passaram a demandar espaços livres apropriados e esparsos por toda a cidade. As zonas verdes da cidade devem formar um elemento único que a torne preparada para as diversas funções da vida urbana (BENEVOLO, 2003).

Assim, a arquitetura como propõe Augusto Perret, é a arte de organizar o espaço e mais que isso, criar o espaço: o elemento específico da arquitetura. “Aquilo que realmente importa e orienta uma configuração arquitetural ou urbana é exatamente algo que não vem expressamente indicado, o Espaço (NETTO, 2002, p. 17).

### 2.1.2 Eventos e Exposições

Em diversos momentos da história a realização de eventos esteve presente. Conforme Oliveira (2011) o primeiro evento que possui registros históricos foram os Jogos Olímpicos da Antiguidade, realizados pela primeira vez em 776 a. C na Grécia.

Durante a idade média os eventos religiosos e comerciais reuniam um grande número de pessoas, nessa época surgiram as feiras pela necessidade de compra, venda ou troca de produtos (SPADA, 2013). No Brasil, segundo Matias (2003) a realização de eventos é anterior à chegada da Família Real. De acordo com registros eram realizadas algumas feiras, semelhantes às da Idade média, que ocorriam em locais abertos.

O primeiro evento que aconteceu no Brasil, em um espaço destinado a tal função, foi um Baile de Carnaval em 1840. Em 1908 aconteceu a Exposição Nacional, se tornando um marco importante para a atividade de eventos brasileiros. Foi a primeira exposição realizada no Brasil seguindo os moldes modernos em um local construído para grandes feiras, o Pavilhão de Feiras de Praia Vermelha no Rio de Janeiro (MATIAS, 2003).

A realização de eventos atende necessidades relacionadas ao lazer, entretenimento, descanso, conhecimento e várias outras motivações (SPADA, 2013). Eles podem se apresentar de diversos tipos ou modalidade, de acordo com os objetivos, finalidade, abrangência, públicos e outros. Os eventos, por exemplo, podem ser culturais, esportivos, sociais, de lazer, religiosos entre outros.

Em relação às exposições, Dantas (2010) relata que as feiras e mercados, os antepassados das exposições, existiram desde que houve a necessidade dos homens de trocar mercadorias. No final do século XVIII surge a ideia de organizar manifestações para que os objetos fossem exibidos na qual chamou-se “exposições”. A primeira exposição foi realizada em 1791 em Praga. Esses eventos começaram em escala regional, passaram a ser nacionais e na revolução industrial se tornaram internacionais.

Com a revolução industrial e a produção de uma variedade de produtos associados aos novos materiais, como o ferro, aço e vidro, os países tinham o desejo de comercializá-los mundialmente. Esse era o momento para criar um evento inédito para as exposições universais. Assim, no século XIX, surgiu a necessidade de produzir um espaço para essas exposições que permitiram um progresso em escala global que envolvia cultura, tecnologia, economia e política (LOPES, 2007).

Essas exposições estimularam ainda mais o desenvolvimento, incentivando a população a criar novos produtos para apresentá-los ao público, elas serviram como uma vitrine para as tendências tecnológicas. As exposições passaram a fazer parte da vida da sociedade industrial e criaram uma nova sociedade de consumo (DANTAS, 2010).

O Palácio de Cristal foi o primeiro espaço destinado à exposição, foi construído para a primeira Exposição Universal de Londres em 1851. Um dos objetivos da obra era colocar em evidência o ferro e aço que eram produzidos e utilizados na construção civil no país (MONASTERIO, 2006). Segundo Benevolo (2003) o Palácio de Cristal foi um dos edifícios mais radicais e importantes de todos os tempos, comparando-o a um “Parthenon da Revolução Industrial”. O edifício foi projetado para ser construído o mais rápido possível, sendo a primeira construção pré-fabricada de grande escala com materiais modernos que apontava para uma nova maneira de construir.

## 2.2 ESPAÇO E PAISAGEM URBANA

O caráter essencial da arquitetura, que a torna diferente das outras artes como a pintura e a escultura, é o fato do tridimensional incluir o homem. Porém, a experiência espacial da

arquitetura prolonga-se na cidade, ruas, praças e parques. Os edifícios criam dois espaços, o interior definido pela obra arquitetônica e os exteriores e urbanísticos que é aquilo que nos rodeia. O edifício constrói a paisagem da cidade e o cenário da nossa vida, a arquitetura é uma arte que não se expõe em galerias, mas nas ruas onde passamos e onde vivemos nossa vida (ZEVI, 1996).

O espaço urbano é espaço de objetos, de coisas produzidas, obras de artes determinam um ambiente urbano, o que a produz é a necessidade de representar algo para aqueles que vivem naquele espaço. O critério fundamental do urbanismo é espaço, o urbanismo nada mais é que uma progressão do espaço (ARGAN, 1998).

Para Coelho Netto (2002), criar um espaço, sobretudo na arquitetura “pública” e em urbanística, não é simplesmente estabelecer formas, espalhar elementos numa representação desse espaço para depois executá-lo. Esse é uma das questões da produção do espaço, mas está longe de defini-la inteiramente, para entender o tamanho desse conceito é preciso questionar desde o começo, o que leva a um sistema de produção. É seguindo as fases desse sistema que se percebe as necessidades humanas e assim adequar os espaços conforme essas necessidades.

Para Maricato (2013), o espaço urbano é muito mais que um cenário para as relações sociais, mas também lugar para a economia e ideologias atuais. Choay (2003)relata que o espaço urbano é traçado de acordo com uma análise das funções humanas, definindo assim locais para a habitação, trabalho, cultura e lazer.

Segundo Cullen (1996), o conceito de Paisagem urbana exprime a arte de tornar coerente e organizado, visualmente, o emaranhado de edifícios, ruas e espaços que constituem o ambiente urbano. Para ele, muitas vezes a paisagem urbana surge como uma sequencia de surpresas e revelações inesperadas. O autor ainda discorre sobre a paisagem urbana:

“Se me fosse pedido pra definir o conceito de paisagem urbana, diria que um edifício é arquitetura, mas dois edifícios próximos é suficiente para libertar a arte da paisagem urbana. As relações entre edifícios e o espaço entre eles, são questões que imediatamente se afiguram importantes. Multiplique-se isto à escala de uma cidade e obtém-se a arte do ambiente urbano.” (CULLEN, 1996, p. 135).

O arquiteto é responsável por induzir usuários a percorrer espaços de sua autoria, é de grande importância atender as necessidades do homem atual e que antecipe a realidade na hora da criação, pois as obras devem ser duradouras atendendo também as necessidades das futuras gerações (ZEVI, 2002).

Para o entendimento do que vem ser a paisagem é necessário compreender do que ela é formada, ou seja, os elementos que a compõem e o que ocorre entre eles. Ao se focalizar em uma paisagem, depara-se com elementos naturais e aqueles construídos pelo homem (LIRA FILHO, 2001).

O que determina o contexto para tudo o que é construído e para as atividades cotidianas é a paisagem. Para que possa ser bem sucedida, tudo o que for construído na paisagem precisa levar em consideração seu entorno e inserção no meio (WATERMAN, 2010).

A cidade, como obra arquitetônica, é uma construção em grande escala no espaço. Os elementos que constituem a imagem da cidade segundo Lynch (1997), podem ser classificados em cinco, sendo eles vias, limites, bairros, pontos nodais e marcos. Esses elementos são a matéria-prima da imagem ambiental, que interligados e trabalhados em conjunto compõe a paisagem.

Todas as paisagens estão sujeitas a mudanças ao longo do tempo, variando com as transformações sociais, culturais, econômicas e políticas da sociedade, que irão refletir nos elementos que a formam, buscando uma adaptação conforme as diferentes necessidades da sociedade e suas gerações (LIRA FILHO, 2001).

O entendimento de que a paisagem não é somente um produto final e sim um processo de transformação gera a possibilidade de visualizar a importância das pessoas que usufruem dos espaços, a ação do homem é o que dá a forma à paisagem. Ela contém marcas de processos culturais e técnicos da sociedade (PRONSATO, 2005).

Segundo Alex (2008), o espaço público na cidade assume vários tamanhos e formas, sendo desde uma calçada até a paisagem vista da janela, abrangendo também os lugares definidos ou projetados para o uso cotidiano. A palavra “público” sugere que os locais que concretizam esse espaço são abertos e acessíveis a toda população. Para o autor, ruas, praças, jardins e parques compõem o conjunto de espaços abertos na cidade, com diferentes funções, usos e inserção urbana.

Para Waterman (2010), a melhor maneira de entender como funciona um espaço público é observá-lo, ver como as pessoas se comportam e como utilizam tal espaço. Lira Filho (2001), diz que os jardins públicos, como praças e parques, se destinam ao uso da população e sua manutenção é de responsabilidade dos poderes públicos. Esses espaços servem para recreação, circulação das pessoas, lazer, entre outras.

A vida urbana acontece cada vez mais nos espaços públicos, que abrigam tanto os propósitos humanos quanto os processos naturais. Esses espaços tem o papel de promover encontro entre os grupos sociais, de muitas maneiras diferentes (LIRA FILHO, 2001).

Da mesma forma, Choay (2003) diz que os espaços livres possuem uma função social que se embasa em permitir que as pessoas se reúnam e cabe ao arquiteto estruturar esse espaço de modo a integrar vários elementos que constituam um programa de lazeres.

O desenho urbano nada mais é que a criação do domínio público, que compreende o espaço público. O autor Del Rio (1990), expõe que em muitas cidades brasileiras o espaço público é tratado como “terra de ninguém”, onde a população não o reconhece como sua propriedade e a prefeitura não lhe dá devida atenção.

No mesmo sentido, muitos espaços livres da cidade são áreas pouco conservadas ou até mesmo degradadas, com usos diferentes do proposto originalmente. Isso não chega a ser uma falha projetual, porém os usuários acabam submetendo o espaço a outros usos inesperados que acabam por ser ainda mais interessantes (PRONSATO, 2005).

Consequentemente, o segredo é projetar espaços públicos de tal forma que a comunidade se sinta responsável por eles, onde cada membro da sociedade contribua à sua maneira para manter um ambiente agradável com o qual possa se identificar e se relacionar (HERTZBERGER, 1999).

Um espaço urbano quando compartilhado possibilita a troca de experiência de seus habitantes, facilita a comunicação, encontro e convivências agradáveis. O seu maior atrativo é sua capacidade de surpreender e promover espontaneidade e flexibilidade. Sendo um lugar de diversidades, o espaço público torna possível a integração e convívio sem anular as diferenças existentes (BAUMAN, 2009).

Segundo Romero (2001) os espaços públicos tem exercido uma dupla função: embelezar a cidade e ser um objeto para a intervenção pública. Assim, esses espaços não devem ser um objeto acabado que se entrega à população e sim, os melhores espaços públicos são aqueles que ao longo do tempo sofrem graduais mudanças e alterações para atender as necessidades da população e melhorar sua qualidade.

## 2.3 ELEMENTOS TRANSFORMADORES DO ESPAÇO

Para Lerner (2011) a acupuntura urbana nem sempre se traduz em obras, ela pode ser em alguns casos a inserção de um novo costume que cria condições positivas para a

transformação. É de grande importância que uma boa acupuntura urbana cause um resgate ou a manutenção da identidade cultural de uma sociedade ou de um local.

Outro ponto importante é pensar em incluir a função que falta a determinada região, se falta, por exemplo, lazer traz-se uma estrutura de lazer. Não se pode esquecer que a cidade é o cenário de encontro e é uma integração de funções. Identificar as necessidades é essencial para o constante desenvolvimento do espaço urbano buscando sempre somar aspectos positivos para a imagem da cidade. A paisagem da cidade se revela na maneira de organizar os edifícios, ruas e espaços públicos em geral, onde estes apresentem significados aos habitantes da cidade concebendo uma identidade cultural (LERNER, 2011).

Tal identidade é definida também pela vivência, produzida pelo homem que concretiza suas práticas sociais e culturais através de um conjunto de memórias e interpretações de sentimentos ao longo de sua vida. A relação do homem com seu espaço de vida passa por construções de sentido e significado, que se baseiam na experiência e no valor simbólico atribuído ao ambiente construído (JODELET, 2002).

Um edifício se instala de forma estratégica pretendendo gerar novas dinâmicas no espaço, transformando o lugar. Essas intervenções na cidade tem o objetivo de gerar mutações, a obra por si só é a mudança, o elemento que desencadeia uma transformação urbana (VIANA e RHEINGANTZ, 2012).

A imagem ambiental é formada por três componentes: identidade, estrutura e significado. É necessário analisa-los individualmente, mas sabendo que eles estão relacionados. Se o objetivo é construir um espaço para o uso de muitas pessoas com experiências totalmente diversas deve-se ter a sabedoria de concentrar na clareza física da imagem e permitir que o significado se desenvolva indiretamente. No espaço a imagem precisa ter várias qualidades, permitindo que o indivíduo atue no espaço conforme suas necessidades (LYNCH, 1997).

Para Cullen (1996) o meio mais rápido de provocar nas pessoas a sensação de identificação é o ambiente exterior já que ele abrange todos os componentes do “aqui”. Lynch (1997) expõe que as pessoas têm a necessidade de reconhecerem o local, tendo grande importância para o emocional do indivíduo.

Os espaços livres são importantes simbolicamente uma vez que o ambiente e os objetos nele inseridos se tornam ponto de referência na paisagem da cidade, sendo um elemento importante na formação da identidade de uma cidade além do embelezamento da paisagem urbana. Esses espaços verdes, que trazem a natureza para dentro da cidade, são muitas vezes associados a oásis em meio à urbanização (ROBBA; MACEDO, 2010).

### 3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E SUPORTE TEÓRICO

#### 3.1 ESPAÇOS DE LAZER E CULTURA

##### 3.1.1 Origem

Desde a arquitetura antiga percebe-se a presença de construções e espaços para uso da população como forma de lazer e recreação, Pereira (2010) diz que a civilização grega sempre se expressa ao ar livre, ou seja, todos seus rituais eram feitos ao ar livre nos seus recintos sagrados e seus teatros. Glancey (2001) destaca que os templos gregos eram locais de reuniões e veneração da população. Além disso, os gregos presavam por um cidadão-modelo que devia ser saudável de mente e espírito assim os teatros ao ar livre tinham grande importância, sendo local de encontro da população para eventos.

A arquitetura romana possui grandes exemplos de espaços para a vida pública. Entre os edifícios de lazer públicos romanos estão as termas, anfiteatros, circos e os monumentos comemorativos. Considera-se que o edifício de lazer mais característico da arquitetura romana são os anfiteatros, que eram dedicados a lutas, combates e espetáculos, que aconteciam na parte central da arena e eram cercados por arquibancadas de todos os lados.

A Carta de Atenas expõe que a criação e manutenção de espaços livres são uma necessidade e uma questão de saúde pública para o homem. Todos os espaços livres possuem a mesma destinação e objetivo que é acolher as atividades coletivas da população e propiciar um espaço favorável às recreações, distrações e passeios das horas de lazer (CORBUSIER, 1993).

No Brasil, o neoclassicismo definido como arquitetura oficial foi marcado por obras públicas, que atendiam funções específicas para abrigar entidades públicas, não somente palácios e igrejas mas também obras como teatros e outros espaços destinados à vida urbana cotidiana (MENDES, VERISSIMO, BITTAR, 2011).

Alguns autores consideram que o lazer sempre existiu, porém, refutando essa ideia Dumazedier (1999), diz que o lazer passou a ocorrer somente após a existência de um tempo livre do trabalho. O autor entende o lazer como um advento da sociedade moderna.

A partir do século XIX, houve a necessidade de conceder às cidades espaços adequados para atender uma nova demanda social: o lazer. Logo, esses espaços são um produto da cidade da era industrial. A evolução desses espaços vem acompanhando as

mudanças urbanísticas da cidade, sendo uma forma de testemunho dos valores sociais e culturais da sociedade urbana (MACEDO; SAKATA, 2003).

O urbanismo moderno estabeleceu o lazer como de grande importância para o habitante do século XX, o espaço urbano devia ser planejado suprimindo as necessidades da cidade em relação a habitação, trabalho, circulação e lazer. (ROBBA; MACEDO, 2010).

### 3.1.2 Importância, objetivos e funções

O papel de praças e áreas livres alterou-se significativamente ao longo dos anos, porém seu caráter social continua a ser sua principal e mais importante característica. Os espaços livres públicos são uma das opções mais relevante de área de lazer urbano e essenciais para a melhoria da qualidade ambiental, já que permitem melhor circulação do ar, insolação e drenagem, além de se tornarem referenciais na paisagem da cidade (ROBBA e MACEDO, 2010).

O lazer é uma necessidade humana e pode ser definido como “o tempo que as pessoas dispõem para realizar atividades, de forma ativa ou passiva, quando não estão trabalhando, dormindo ou atendendo às necessidades pessoais”. Os parques e praças urbanas estão incluídos dentro desse contexto de área de lazer, possibilitando utilizações variadas para os diferentes tipos de lazer: contemplativo, recreativo, esportivo, e cultural (LIRA FILHO, 2001).

Quanto aos objetivos e funções, não existe uma definição exclusiva e única, pois, depende das necessidades, pensamento e gosto de um grupo de determinada época, as funções se adequam para suprir tais necessidades e carências da comunidade e assim existem parques com os mais variados focos e atrações (SCALISE, 2002).

Amplos espaços deverão ser reservados e organizados. Esses espaços não terão por função somente o embelezamento da cidade, mas sim antes de qualquer coisa, devem ter um papel útil, oferecendo várias opções de atividades saudáveis e entretenimento aos habitantes da cidade, como passeio sem meio à beleza dos lugares, esportes, teatros e concertos ao ar livre e eventos diversos (CORBUSIER, 1993).

Atualmente, com o ritmo de vida acelerado o paisagismo trás a natureza para perto das pessoas. Com isso, as áreas verdes nas cidades tornou-se muito mais importante do que no passado, para o equilíbrio e a qualidade de vida para população urbana (ABBUD, 2006).

O papel real de um parque é ser um espaço livre e público estruturado com por vegetação e dedicado ao lazer da população urbana. Atualmente esses espaços atendem uma

variedade de tipos de lazer, tanto esportivos como culturais, não sendo necessariamente destinado somente para o lazer contemplativo (MACEDO e SAKATA, 2003).

O caráter de convivência social e o lazer contemplativo continuam sempre presentes nessas áreas, contudo o lazer esportivo, recreativo e cultural foi incorporado no programa moderno. Equipamentos como playgrounds, quadras esportivas e palcos ao ar livre passaram a ser implantadas com frequência confirmando essas novas formas de uso do espaço (ROBBA e MACEDO, 2010).

O lazer praticado em áreas verdes permite a vivência de várias atividades simultaneamente, pois ao mesmo tempo em que uma pessoa se exercita ela pode encontrar com um grupo de amigos e ainda contemplar a natureza, quebrando a rotina do dia a dia (CABRAL *et al.*, 2011).

Os parques urbanos devem incluir áreas especiais destinadas a feiras, exposições, explanadas para grandes eventos (MASCARÓ, 2008). Muito mais do que um simples equipamento de lazer, parques urbanos e áreas livres podem revelar características de determinada cidade ou de grupos específicos. Também podem ser palco de momentos históricos e ações transformadoras da realidade (NUNES JUNIOR, 2011).

Os espaços livres e jardins foram entendidos por muito tempo como um luxo e grandeza, mas, atualmente são reconhecidos por propiciarem uma identidade cultural à nossa cidade além do lazer, diversão e bem-estar da população (FARAH *et al.*, 2010).

### 3.1.3 O paisagismo

No momento em que o homem passou a fixar-se em determinado local, formando as cidades, ele também sentiu a necessidade de cultivar próximo à sua moradia plantas para seu bem estar e de interesse para sua sobrevivência. Acredita-se que homem procurava por um sentido de resgate da natureza, sendo assim um motivo para a criação dos jardins (LIRA FILHO, 2001).

Abbud (2006) explica que o paisagismo é a única arte que envolve os cinco sentidos do ser humano. Não há projeto paisagístico sem a definição de lugar e o define como “todo aquele espaço que convida ao encontro das pessoas ou ao nosso próprio encontro”. O lugar estimula a permanência, a prática de atividades e até mesmo somente uma contemplação da paisagem.

Lira Filho (2001) define o paisagismo como uma mistura da arte, ciência e técnica com o objetivo de elaborar uma integração entre construção, homem e flora. O autor acredita

que toda paisagem, urbana ou rural, pode ser explorada para o lazer do homem. Cabe ao paisagista entender a vocação natural da paisagem e direcioná-la para os diferentes tipos de lazer.

Também chamado de arquitetura da paisagem, o paisagismo busca o equilíbrio formal entre todos os elementos que compõem a paisagem – vegetação, construções e espaços livres – preocupando-se em ser pouco agressivo à natureza, mas sabendo tirar dela proveito para alinhar a beleza singular da vegetação aos espaços edificados. A arquitetura da paisagem preocupa-se com o equilíbrio estético entre seus componentes. (CURADO, 2007).

A vegetação urbana é aquela que permite que o espaço construído se integre com o jardim, as formas que compõem a paisagem devem ser aproveitadas para criar uma relação de continuidade entre o espaço natural e o construído. Mascaró L. e Mascaró J. (2002) evidenciam a importância da união entre o espaço construído com as áreas livres constituindo a paisagem da cidade:

“O projeto do espaço livre está intimamente ligado com o projeto de vazios cujas formas, dimensões e sequência transmitem determinadas sensações aos usuários. [...] A presença da vegetação, dependendo de seu porte em relação à edificação, pode criar planos que organizem e dominem o espaço urbano através da unificação, ou simplesmente formar uma cobertura vegetal aconchegante para quem passa por baixo de suas copas horizontais, sem modificar o perfil da edificação” (MASCARÓ L. E MASCARÓ J. 2002, p. 23).

As composições paisagísticas não são apenas elementos verdes ou jardins que decoram o contorno das edificações, mas sim, se refere a algo mais profundo, são uma essência na solução espacial, sendo inseparáveis dos ambientes construídos (NEUFERT, 2014).

O paisagismo envolve todas as áreas onde se registra a presença do homem. Ele pode e deve atuar como fator de equilíbrio entre o ser humano e a natureza, explorando-se com harmonia das paisagens benéficas para se usufruir em busca de uma melhor qualidade de vida. O paisagismo tem um papel importante no meio urbano, proporcionando ambientes agradáveis e mais saudáveis para quem o aprecia (LIRA FILHO, 2001).

Arte e arquitetura sempre estão presentes na intervenção paisagística. Os projetos paisagísticos como objeto arquitetônico e artístico pressupõem a criação de novos significados para a paisagem, onde esses significados utilizam as qualidades culturais e naturais do lugar para gerar uma realidade própria, por meio de conceitos que formam o espaço físico e seu

uso, apresentando-se à vivência de quem o utiliza gerando novas perspectivas (FARAH *et al.*, 2010).

Atualmente, o paisagismo tem uma difícil tarefa de resgate da natureza, principalmente em áreas urbanas. Assim, existe a necessidade de criar paisagens que proporcionem o contato com a natureza, contemplação, descanso e prazer à população em desfrutar destes espaços, esportes e lazer ao ar livre. Um jardim não se compõe apenas de plantas, mas também de elementos que complementem a composição paisagística, conforme a necessidade, podendo ser edificações, quadras de esportes, playgrounds, quiosques, mobiliário, vias de acesso, luminárias entre outros exemplos (LIRA FILHO, 2002).

A criação de áreas verdes e seu paisagismo trazem qualidade de vida para a população já que oferecem o contato com a natureza e estruturas, que quando adequadas, são determinantes para a utilização do espaço pela população (SZEREMETA e ZANNIN, 2013).

Pelo fato do homem passar a se preocupar mais com a natureza e procurar conservá-la, o paisagismo procura aliar esse aspecto de conservação da natureza, criando ambientes de contemplação, esporte e lazer, introduzindo novas espécies e reservando a arborização já presente no local. As atividades humanas, quando bem planejadas e executadas, resultam em benefícios à sociedade. Da mesma maneira ocorre com o paisagismo, para se obter praças, parques e demais áreas verdes bonitas e agradáveis para descanso, contemplação e prática de esportes é necessário uma boa e correta implantação (GATTO e WENDLING, 2002)

#### 3.1.4 Sensações e percepções espaciais

Segundo Lima (2010, p. 23) “a sensação é um fenômeno psíquico elementar que resulta da ação de estímulos externos sobre os órgãos dos sentidos”. As sensações nos fazem relacionar com nós mesmos e tudo o que está a nossa volta. Já a percepção é a função psíquica que permite elaborar informações e conhecer objetos do entorno através dos sentidos, ela é uma atitude cerebral de extremo refinamento que recorre ao armazenamento de informações da memória.

Segundo Scopel (2015) é de extrema importância entender como as pessoas que utilizam determinado espaço percebem o local e o que sentem ao permanecer nele para assim compreender de que modo esse espaço influencia nas sensações e comportamento desses indivíduos.

A sensação espacial particular da arquitetura estende-se no meio urbano, nos parques e becos, nas ruas e nas praças, nos jardins e estádios, no lugar em que a ação do homem tenha delimitado “vazios”, melhor dizendo, tenha criado espaços (ZEVI, 1996).

O homem tem a necessidade de ter contato e se conectar com o ambiente externo, a aproximação com o verde provoca uma sensação agradável, o contato visual com o céu e a sensação do ar exterior sobre a pele são naturalmente reconfortantes (KEELER e BURKE, 2010).

A nossa percepção do mundo é construída através do contato sensorial, tudo que percebemos por meio dos sentidos ajuda a construir a nossa compreensão da realidade. As sensações que recebemos são processadas pelo cérebro e geram diversas reações, contudo cada indivíduo reage ao mesmo estímulo de formas variadas, as informações podem ser as mesmas, mas a resposta é na maioria das vezes única para cada um já que os estímulos podem nos remeter a lembranças e pensamentos criando uma imensidão de reflexões (OLIVEIRA, 2007).

Para Lynch (1997) a imagem de um bom ambiente proporciona uma sensação de segurança emocional que gera uma relação entre o indivíduo e mundo exterior, sendo uma sensação oposta do medo que resulta da desorientação. Assim:

“As imagens do meio ambiente são o resultado de um processo bilateral entre o observador e o meio. O meio ambiente sugere distinções e relações, e o observador – com grande adaptação e à luz dos seus objetivos próprios – seleciona, organiza e dota de sentido aquilo que vê.”  
(LYNCH, 1997, p. 16)

A arquitetura como qualquer meio de comunicação estética, pode transmitir um vasto espectro de emoções que faz parte de nossas vidas. Essas emoções se constituem em um conjunto de mensagens a qual denominamos conteúdo psicológico da arquitetura. A arquitetura deve nos sensibilizar nos convidar à observação e contemplação de suas formas, chamando nossa atenção aos seus mínimos detalhes, assim como a arte, a arquitetura não serve somente para embelezar nossa vida, ela também nos propicia emoção e sensações (COLIN, 2000).

A intenção é intervir na paisagem urbana, através da óptica com elementos arquitetônicos como edifícios, mobiliário urbano e aproveitamento de elementos naturais, criando espaços que transmitam diferentes sensações aos usuários de diferentes perspectivas e percepções (CULLEN, 1996).

Cada ambiente está carregado de energia que nos envolve sensorialmente. São essas trocas sensoriais que nos fazem compreender o espaço. Experimentamos o espaço de três formas: o espaço físico, definido por coordenadas e direções; o espaço perceptivo, sensação específica à utilização do espaço; e o cognitivo é a interpretação que fazemos do espaço físico (MARQUES, 2011).

Dada a importância de atender vários sentidos no ambiente, os arquitetos podem proporcionar isto incorporando em suas obras o conceito de união entre a matéria, sensações e percepções que sejam capazes de despertar emoções no lugar, criando um ambiente familiar visando a relação mais completa entre o homem e o ambiente. A percepção humana é ativada por ambientes e objetos através dos diferentes sentidos humanos, proporcionando sensações visuais, auditivas, gustativas, táteis e mentais (ALCANTARA *et al.*, 2005).

Percebe-se que a arquitetura vai muito além de embelezar espaços, ela é um estudo que influencia o funcionamento de espaços, que aliada a psicologia e a reflexão das percepções garante que os ambientes sejam estimulantes além de confortáveis para seus usuários. É evidente que a utilização de certos elementos, como a cor e iluminação, bem projetados pode afetar diretamente as percepções, sensações e impressões sobre um ambiente tal como influenciar o bem-estar dos usuários e as atividades que serão realizadas ali (SCOPEL, 2015).

### 3.2 O MUNICÍPIO DE TUPÃSSI

A origem do Município de Tupãssi deu-se no final da década de 1940 e início da década de 1950, quando vieram para a região os primeiros colonizadores. Quando os pioneiros chegaram, o local da sede atual do município pertencia a Guaíra e era chamado de “Gleba Quatro Lambari”, “Memória”, “Gleba Quatro” e “Colônia Pindorama” (PREFEITURA DE TUPÃSSI, 2018).

Possuindo terras férteis, a região atraiu pessoas vindas dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Minas Gerais, sendo pertencentes à várias etnias, como italianos, alemães e portugueses. Os imigrantes tinham como objetivo melhorar sua condição de vida. Por isso empenharam-se na tarefa de desbravar as terras (PREFEITURA DE TUPÃSSI, 2018).

A agricultura era à base de milho, café, feijão, soja, mandioca, batata e hortelã. Também destacava-se a criação de suínos. Os imigrantes do norte dedicavam-se sobretudo à

cultura do café e os do sul ao plantio de milho e criação de suínos (PREFEITURA DE TUPÃSSI, 2018).

Antes da colonização, com a região com muitas matas, os pioneiros enfrentavam muitas dificuldades e problemas, o maior deles era o isolamento do local em relação às cidades vizinhas, o que os levou a fazerem mutirões para abrirem caminhos e facilitar o deslocamento. O escoamento da safra e a venda de animais eram muito difíceis devido à falta de estradas (CÂMARA MUNICIPAL DE TUPÃSSI, 2015).

Passou a fazer parte do Município de Toledo em 1960 e em 1966 de Assis Chateaubriand. Em 1967 foi criado o distrito chamado de Novo Tupãssi, já que Assis Chateaubriand era chamado de Tupãssi até 1962 (PREFEITURA DE TUPÃSSI, 2018).

O município passou por uma modernização agrícola na década de 70, produzindo novas relações de força no campo, através da especialização agrícola ocorrendo a concentração da propriedade da terra e assim o êxodo rural e a urbanização acelerada. Isto ocasionou um rápido desenvolvimento e antecedeu a instalação oficial do novo município (CÂMARA MUNICIPAL DE TUPÃSSI, 2015).

Em 27 de dezembro de 1979 foi criado o Município de Tupãssi, sendo que a instalação oficial ocorreu em 01 de fevereiro de 1983, com posse do primeiro prefeito e dos vereadores. O nome Tupãssi é originário da Fazenda Tupãssi de propriedade da Colonizadora Nortedo Paraná, e significa Terra da Mãe de Deus em tupi-guarani (CÂMARA MUNICIPAL DE TUPÃSSI, 2015).

Tupãssi possui cerca de 8.277 mil habitantes segundo dados do IBGE divulgados em 2017 e localiza-se no oeste do Paraná, a 567 quilômetros da capital paranaense. Com uma área que corresponde a cerca de 30.174 hectares, o município limita-se com Assis Chateaubriand, Toledo, Cascavel, Nova Aurora e Cafelândia (CÂMARA MUNICIPAL DE TUPÃSSI, 2015).

Figura 01: Mapa do Paraná com destaque a cidade de Tupãssi.



Fonte: Google Imagens.

Sobre alguns aspectos gerais, o município é composto por terras planas apresentando pequenas ondulações em somente 15% da área. Com um solo favorável a agricultura mecanizada e propícia à produção de grãos, é explorado intensivamente com duas safras anuais. Tem diversos rios e córregos e assim a água é abundante. O clima é classificado como subtropical úmido mesotérmico com verões quentes e geadas pouco frequentes, com tendência de concentração de chuvas nos meses de verão, sem estação de seca definida. A temperatura média dos meses mais quentes é superior a 22 graus centígrados e dos mais frios é inferior a 18 graus (CÂMARA MUNICIPAL DE TUPÃSSI, 2015).

### 3.3 PROJETANDO UM CENTRO DE EVENTOS E LAZER

O objetivo principal de qualquer proposta é a satisfação do público ao qual se destina o projeto. As propostas devem ser oferecidas para os públicos mais diversificados, levando em consideração o conceito de acessibilidade, garantindo a possibilidade de acesso para todas as pessoas (MIRANDA, 2001).

Existe uma diversidade nas necessidades do programa de um edifício, onde as formas e espaços devem levar em conta a hierarquia das funções que tal edifício comporta, a utilização dos indivíduos e os conceitos que transmitem (CHING, 1998).

Para Niemeyer (2005) em função das novas técnicas e materiais a forma plástica evoluiu na arquitetura, com aspectos diferentes e inovadores. Do mesmo modo, Colin (2000) relata que a evolução da tecnologia na construção permite uma distribuição melhor dos espaços, o uso das estruturas de ferro e concreto garante a liberação das paredes de sua função estrutural.

Os antigos utilizavam muito a pedra como material, porém, os vãos que se podiam vencer com as vigas de pedras eram limitados, já que a pedra se rompia com as forças da tração. Quando o concreto passou a ser utilizado percebeu-se que ele resiste à compressão dez vezes mais que à tração e assim surgiu a ideia de se usar um material bom para compressão na parte comprimida e outro bom para tração na parte tracionada, criando então o concreto armado (BOTELHO e MARCHETTI, 2002).

Desse modo, o concreto armado apresenta boa durabilidade, resistência mecânica e baixa permeabilidade. Cada vez mais busca mais tecnologia e resistência que possibilita seções mais esbeltas, vencendo maiores vãos e aumentando a área útil das edificações (DIAS, 2001).

Nessa permanente busca de novos materiais e técnicas construtivas, Dias (2001) afirma que encontrou-se novas alternativas para o uso do aço, decorrente do próprio desenvolvimento da indústria siderúrgica, tornando viáveis novos usos do aço na construção.

Conforme o CBCA (Centro Brasileiro da Construção em Aço), o desenvolvimento tecnológico proporciona maior versatilidade na aplicação do aço em obras dos mais variados tipos. Uma de suas principais características é a liberdade no projeto, já que confere total liberdade criadora, permitindo projetos arrojados e de expressão marcante. Outro fator é a maior área útil e melhor aproveitamento do espaço interno. Além disso, a estrutura em aço é flexível e seu sistema construtivo é compatível com outros materiais.

O mobiliário urbano também contribui para a estética e funcionalidade dos espaços além de promover a segurança e conforto dos usuários, merecendo atenção ao se planejar um ambiente público, como praças e parques urbanos. Esses elementos se integram à paisagem urbana e atendem necessidades básicas como lazer, proteção, acessibilidade entre outros (MASCARÓ, 2008).

### 3.4 CONFORTO AMBIENTAL NOS ESPAÇOS PÚBLICOS

O objetivo de uma concepção bioclimática do espaço público é obter o que a arquitetura bioclimática obtém no edifício, porém na escala urbana. A arquitetura dos espaços públicos deve oferecer várias opções ecotérmicas, onde cada indivíduo possa escolher a mais adequada para ele, por exemplo, a opção entre sol ou sombra (ROMERO, 2001).

O conforto ambiental é um dos fatores mais importantes para proporcionar o máximo de conforto possível para o usuário de determinado edifício ou ambiente, ele tem por objetivo possibilitar condições favoráveis utilizando recursos naturais através de boas decisões projetuais (SCOPEL, 2015).

A arquitetura deve servir ao homem e ao seu conforto, oferecendo condições térmicas compatíveis ao conforto térmico humano. Conhecer essas exigências humanas de conforto térmico aliando ao das características térmicas dos materiais, adequando-os a determinados climas proporciona condições de projetar espaços urbanos e edifícios que atenda as exigências de conforto ambiental (FROTA e SCHIFFER, 2003).

Antes de iniciar qualquer projeto arquitetônico é necessário realizar um estudo do clima e local da implantação. Um melhor aproveitamento do clima pode ser obtido através do planejamento apropriado de detalhes do edifício. O uso de materiais de construção adequados tem grande influência no conforto ambiental, a adequação de suas propriedades nas

características plásticas de um projeto proporciona melhores condições térmicas, além da escolha da melhor disposição do edifício quanto à orientação solar e vento, uso de elementos paisagísticos e de novas tecnologias (LAMBERTS *et al.*, 2004).

O uso da luz natural oferece grandes vantagens e pode ser utilizada como estratégia para obter maior qualidade ambiental além da eficiência energética em edifícios. Há muitas opções de estratégias para ser utilizadas nos projetos que podem ser combinados também com a ventilação natural (AMORIM, 2002). Grandes espaços podem ser iluminados com claraboias, lanternins ou sheds, deve-se buscar um aproveitamento eficiente da iluminação natural e direcioná-la aos locais onde é mais necessária (HEYWOOD, 2015).

O conforto térmico e visual dos espaços abertos é totalmente dependente do projeto urbano, as decisões tomadas podem transformar o microclima, podendo tornar o espaço confortável ou insuportável. Através de seu comportamento fica evidente quando um indivíduo está confortável em relação ao ambiente que se encontra, pois não apresenta incômodo ou preocupações (CORBELLA, YANNAS, 2003).

Um corpo d'água influencia a temperatura e a umidade relativa do ar (HEYWOOD, 2015). Em espaços abertos, a água, através de espelhos d'água, chafarizes e outras soluções, podem ser utilizados como solução para alteração de microclimas (FROTA e SCHIFFER, 2003).

As plantas também podem ser utilizadas para auxiliar na redução das temperaturas das brisas e são recursos de proteção solar muito úteis. O solo sombreado por uma planta ou árvores é mais fresco que seu entorno, o que faz as brisas quentes que passam por ele se resfriarem (HEYWOOD, 2015).

Segundo Carvalho (2010) o som é toda onda mecânica ou vibração gerada por um corpo sujeita a ser detectada pelo ouvido humano. Já o ruído, costuma-se dizer, que é todo som indesejável, um conceito subjetivo já que pode variar para cada pessoa.

Para tratar acusticamente um ambiente é necessário observar algumas questões e assim proporcionar uma boa condição de audibilidade por meio de matérias que possuem uma absorção acústica adequada e bloquear os ruídos produzidos no espaço para que não atrapalhem o entorno. O tratamento acústico deve ser realizado não apenas em espaços fechados, mas também, nos espaços abertos, como por exemplo, as conchas acústicas (CARVALHO, 2010).

Se houver presença constante de som e ruído nos espaços públicos é indispensável pensar na necessidade de se criar espaços informativos da proximidade do som: espaço longínquo, próximo e íntimo (ROMERO, 2001).

## 4 CORRELATOS

Até este momento foi apresentado o tema do presente trabalho e os embasamentos teóricos que relacionam o tema com a arquitetura, trazendo o leitor para dentro do assunto e elencando a importância e valor de tal projeto. Os correlatos são, de modo geral, alicerces para a elaboração da proposta projetual, que de certa forma servem de influência, inspiração e referências de diversas maneiras como funcional, formal, estrutural e outras.

Neste capítulo serão apresentados três correlatos, onde buscou-se diferentes focos de análise com o intuito de obter informações específicas sobre o tema além de informações de acordo com a influência que os mesmos terão na elaboração da proposta do Centro de Eventos, Exposições e Lazer para o município de Tupãssi.

### 4.1 EXPO BARIGUI

O Centro de Eventos do Barigui foi construído para suprir uma demanda da cidade de Curitiba por espaços para receber grandes eventos. O empreendimento foi construído no Parque Barigui, o mais popular da capital paranaense (FARIAS, 2018).

Para se relacionar de forma harmônica com o ambiente natural onde está implantado o projeto do novo centro de eventos da cidade adotou conceitos sustentáveis, como a correta escolha de materiais, soluções e processos construtivos além do uso de recursos naturais (MCA - Manoel Coelho Arquitetura & Design, 2018).

Figura 02 – O Centro de Eventos inserido no Parque Barigui.



Fonte: Curitiba, 2017.

Entre os materiais de construção usados estão tintas com baixa emissão de compostos organo-voláteis (COV), madeira certificada e materiais com utilização de matéria-prima reciclada. A coleta e separação desse material durante a construção gerou uma estrutura pré-fabricada metálica, que evita desperdícios e impactos no terreno, além de rapidez na execução e agilidade para uma posterior desmontagem, deixando o projeto econômico (FARIAS, 2018).

Um forro com isolamento térmico e vidros de alto desempenho foram aplicados para que o centro não fosse afetado pelas altas temperaturas do verão e diminuir a carga térmica. O uso de coberturas com alta refletância causa a diminuição das ilhas de calor e da demanda do ar-condicionado. O forro e as esquadrias de vidro duplo evitam a propagação do som para o exterior, garantindo o tratamento acústico da edificação. Além disso, o uso do vidro possibilita a passagem de iluminação natural que, junto com a utilização de lâmpadas eficientes, contribui para a redução do consumo de energia.

Figura 03 – Espaço interno do Centro de Eventos.



Fonte: Sérgio Sade, 2018.

O acesso ao edifício é feito por uma praça pública, que acolhe os visitantes e propicia uma transição entre os estacionamentos e a área de eventos. As paredes laterais da fachada receberam jardins verticais, de modo a dissolver a forma do projeto em meio à praça, o que é reforçado pelas malhas metálicas para plantio de trepadeiras na face lateral oposta ao lago. Os jardins verticais ajudam a deixar o clima mais ameno, além de facilitarem a integração com a paisagem do entorno.

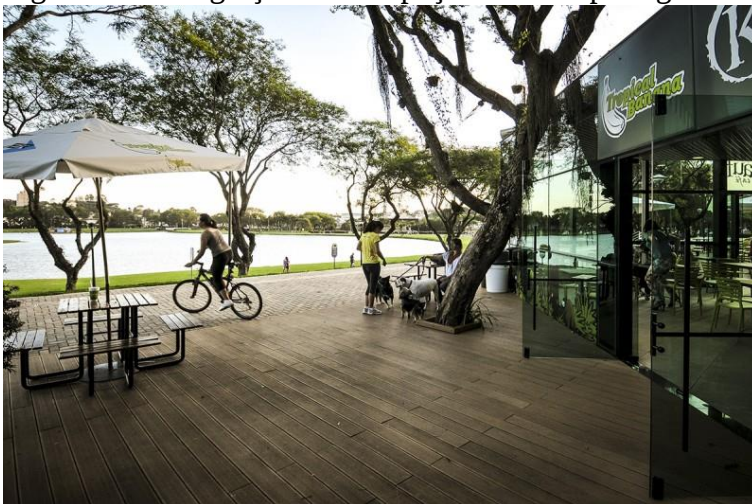
Figura 04 – Fachada Principal.



Fonte: Galeria da Arquitetura, 2018.

O Centro de Eventos do Barigui proporciona integração com a paisagem do parque e acessibilidade universal. “As áreas envidraçadas do foyer de acesso e do café permitem a integração visual dos espaços internos com a paisagem externa, estabelecendo uma dinâmica perceptiva entre dentro e fora. Os usuários sentem-se, ao mesmo tempo, dentro do café e inseridos no parque”, conclui o arquiteto.

Figura 05 – Integração entre espaço interno e paisagem externa.

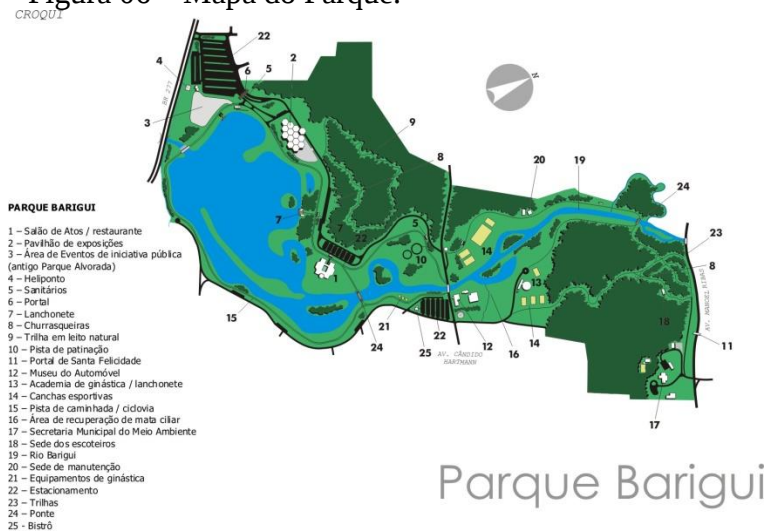


Fonte: Sérgio Sade, 2018.

Já em relação ao parque, o local foi transformado em parque pelo então prefeito Jaime Lerner em 1972, devido sua localização e infraestrutura o Barigui é o parque mais frequentado de Curitiba. O local é uma grande área de preservação natural da cidade, sendo um refugio para animais, e, faz parte de uma politica municipal de preservação de fundos de vale (PREFEITURA DE CURITIBA, 2017).

Possui uma área de 1,4 milhão de metros quadrados, com muitas opções de lazer e entretenimento. É um dos principais pontos de encontro da cidade nos finais de semana e feriados e, durante a semana, é comum as caminhadas em volta do lago (GUIA GEOGRÁFICO, 2018).

Figura 06 – Mapa do Parque.



Fonte: Curitiba, 2017.

O Parque Barigui é um espaço de muitos eventos importantes e faz parte da rotina de muitos moradores da cidade devido ao fato da população encontrar diversas opções de lazer, conta com churrasqueiras, quiosques, quadras poliesportivas, equipamentos para ginástica, restaurante, circuitos de caminhada, trilhas, playgrounds, espaço para eventos além das extensas áreas verdes para descanso e contemplação da natureza e outras infraestruturas (CURITIBA SPACE, 2018).

Figura 07 – Uso do parque pela população.



Fonte: Revista Viagem e Turismo, 2018.

#### 4.1.1 Análise do Correlato

Pelo fato do projeto ser um Centro de Eventos se fez necessário utilizar um correlato que abordasse este tema. A escolha da Expo Barigui se deu devido sua inserção em um parque e da abrangência de atividades que se realizam neste local. O programa de necessidades tanto do edifício quanto do parque incluem variados tipos de usos e atividades que se encaixam como embasamento para o desenvolvimento da proposta do Centro de Eventos e Lazer para Tupãssi, já que busca a criação de um espaço com o mesmo contexto da Expo Barigui e o parque.

Figura 08 – Parque Barigui.

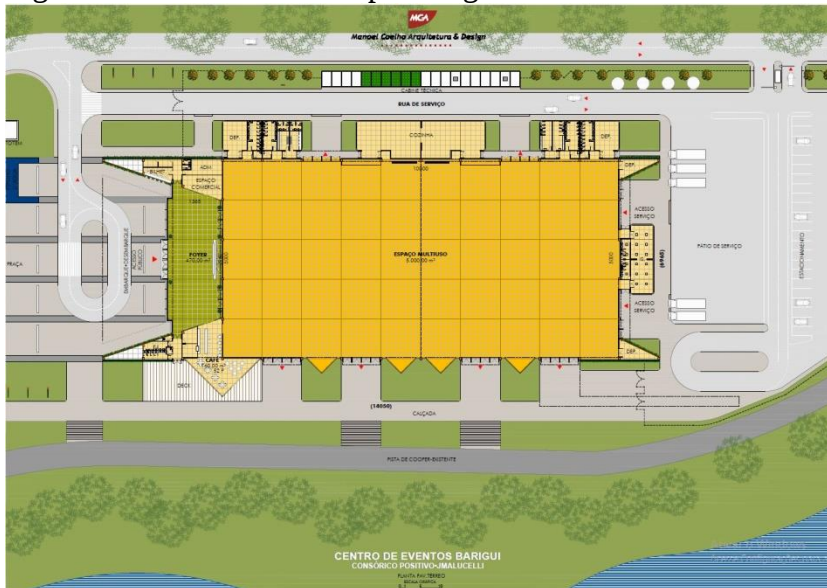


Fonte: Sérgio Sade, 2018.

Outro aspecto importante que levou a escolha deste correto foi sua funcionalidade. A planta baixa de traçado simples e linear, basicamente retangular, organiza e configura uma área de eventos e exposições com 5.000 m<sup>2</sup>, livre de pilares e que permitem variadas formas de organização de layouts, conforme exemplos na figura 10, se adaptando a cada tipo de evento além de contar com uma completa infraestrutura: foyer, administração, bilheteria, espaço comercial, café, banheiros, depósitos, cozinhas, acesso e pátio de serviço.

Do mesmo contexto da planta baixa, sua forma é simples e regular e prioriza as linhas puras e lineares, a obra se forma através de duas grandes empenas em placas pré-moldadas de concreto que criam o espaço livre interno necessário. O destaque na questão estética da obra está em sua fachada principal, com seus jardins verticais, vidro e testeiças de metal que remetem aos galhos de árvores, compõem uma entrada simples e ao mesmo tempo arrojada.

**Figura 09 – Planta Baixa Expo Barigui.**



Fonte: MCA, 2011.

Figura 10 – Exemplos de opções de layout.



Fonte: MCA, 2011.

#### 4.2 CENTRO CULTURAL, DE EVENTOS E EXPOSIÇÕES – CABO FRIO, RJ

Em um terreno recortado pela exuberante região dos lagos, em Cabo Frio, Rio de Janeiro, surge um espaço de encontro e promoção da cultura e exposições destinadas ao uso público (VIEIRA, 2018).

O objetivo do projeto foi justamente criar um lugar de encontro e promoção da cultura das cidades da região dos lagos, um espaço de uso público que permita as atividades da comunidade local e promova a fruição e contemplação da paisagem circundante, especialmente do visual das lagoas.

Figura 11 – Vista do Centro Cultural e seu entorno.



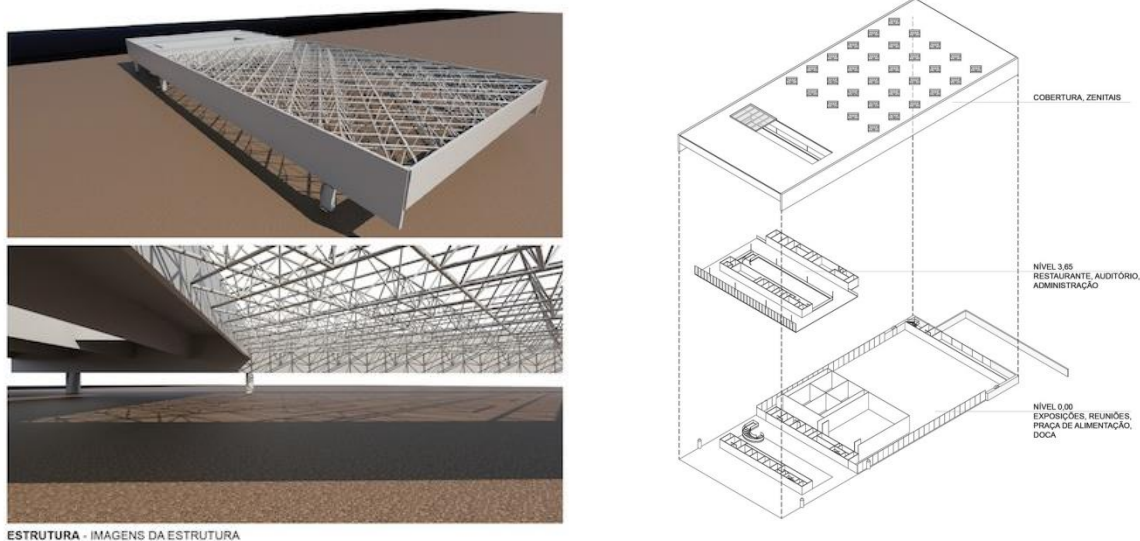
Fonte: Concurso de Projeto, 2014.

Desse modo, a concepção do projeto do Centro Cultural de Eventos e exposições levou em consideração quatro premissas principais:

- Priorização das visuais do entorno natural e construído, criando uma relação entre edifício, cidade e paisagem natural.
- Relação entre espaço interior e exterior, promovendo flexibilidade nos tipos de uso.
- Organização do terreno em três setores: estacionamento/serviços, edifício e praça.
- Promoção de um espaço público que seja utilizado pela comunidade mesmo quando não ocorram eventos.

Atendendo a essas premissas o programa foi organizado em um volume único, um pavilhão que adota uma estrutura mista constituída de dois sistemas principais. Nas laterais são constituídas vigas em concreto armado e para a cobertura propõe-se um sistema de treliça espacial em alumínio, que garante rápida fabricação e montagem. A linguagem arquitetônica reflete o entendimento e funcionalidade do programa e a tecnologia construtiva viabiliza que a construção seja bela, funcional e econômica (Estúdio 41, 2018).

Figura 12 – Esquema Estrutural.



Fonte: Concurso de Projeto, 2014.

O projeto também visa a flexibilização dos ambientes internos do pavilhão de forma que possa ter várias configurações, as portas tipo guilhotina da fachada que permitem integrar espaços internos e externos, conectando a praça de eventos externa aos ambientes cobertos do pavilhão cultural. As aberturas e integrações com o ambiente externo são propositalis, auxiliando na estética, ventilação e iluminação natural.

A praça de eventos, um espaço com capacidade para 10 mil pessoas conta com um mirante, servindo como uma referência e abrigando os reservatórios de água. Sob a base desse mirante, um palco cria um espaço com diversas possibilidades de apropriações, como apresentações ao ar livre. O espaço da praça se estende naturalmente por um píer sobre a lagoa, ampliando o alcance das atividades possíveis (VIEIRA, 2018).

Figura 13 – Praça de Eventos.

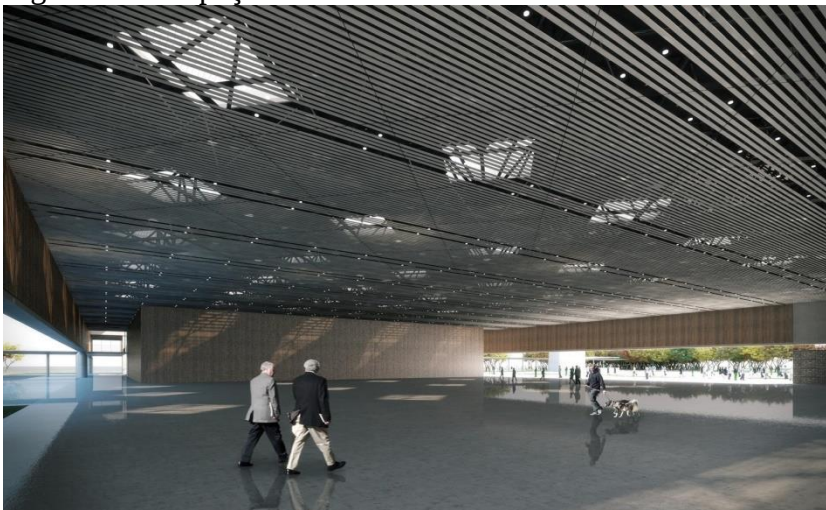


Fonte: Concurso de Projeto, 2014.

#### 4.2.1 Análise do Correlato

O Centro Cultural, de Eventos e Exposições de Cabo Frio – RJ trouxe a importância da criação de um espaço de encontro e promoção da cultura local. Com uma estrutura para abrigar variados tipos de eventos, podendo ocorrer simultaneamente, esse projeto também visa a flexibilidade do espaço, já que permite integração entre espaço interno e externo. O projeto expressa uma grande funcionalidade, onde sua organização foi realizada separando os três setores citados (estacionamento, edifício e praça) conforme pode-se perceber na figura xx, o que o tornou uma base para organização da setorização da proposta projetual a ser desenvolvida neste trabalho.

Figura 14 – Espaço interior.



Fonte: Galeria da Arquitetura, 2018.

Figura 15 – Implantação do projeto.



Fonte: Estúdio 41 Arquitetura, 2018.

Outra questão que levou à escolha desse correlato foi o diálogo que a edificação faz com seu entorno, onde em seu projeto buscou-se criar espaços que promovam fruição e contemplação da bela paisagem de seu entorno, especialmente das lagoas. Em relação à estética, a obra é geométrica, formada por linhas retas e lineares, sua forma segue a funcionalidade da planta, criando um volume simples mas em perfeita relação com toda a implantação.

Figura 16 – Paisagem do entorno.

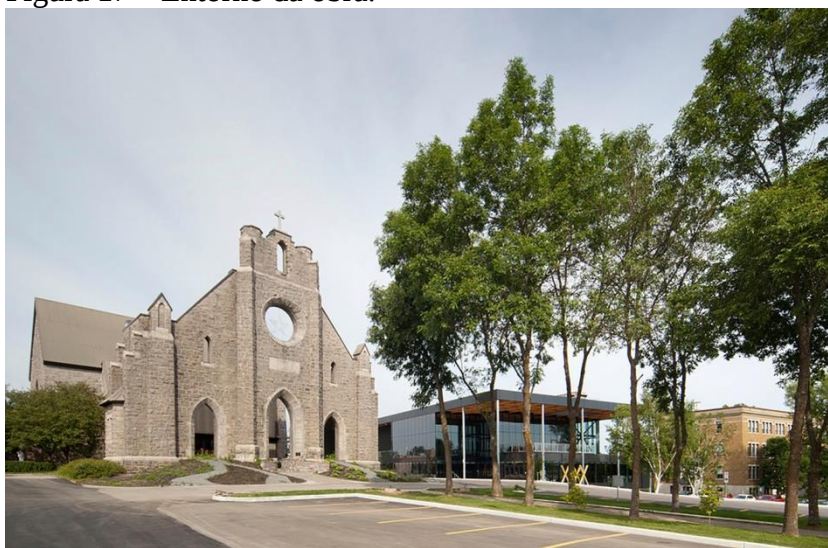


Fonte: Concurso de Projeto, 2014.

#### 4.3 TEATRO MULTIFUNCTIONAL MONT-LAURIER

O teatro Multifuncional de Mont Laurier situa-se nas montanhas Laurentian, um pequeno povoado a 250 km de Montreal. Seu terreno montanhoso encontra-se na orla sul do rio Lievre, situado em um ponto notável da cidade, entre a catedral e a escola pública (ARCHDAILY, 2016).

Figura 17 – Entorno da obra.



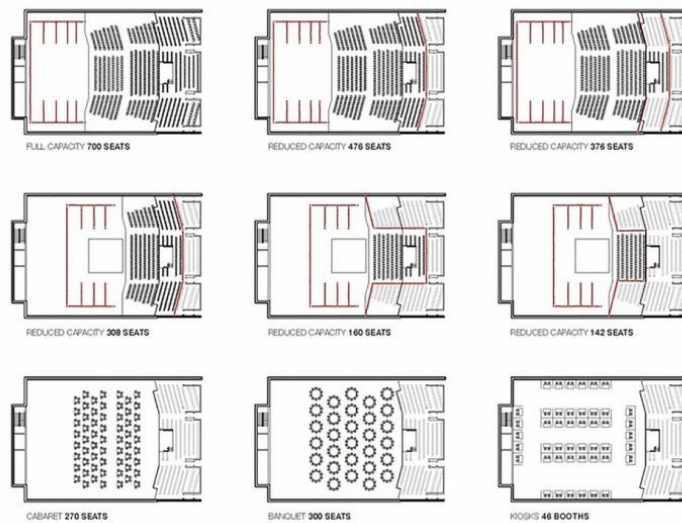
Fonte: Archdaily, 2016

Foi projetado pelo escritório FABG, sendo resultado de um concurso promovido por uma sociedade sem fins lucrativos, as diretrizes do concurso trouxeram a necessidade de um espaço multifuncional com capacidade para eventos de teatros tradicionais além de oferecer outras opções para feiras comerciais, eventos corporativos, shows, entre outros (ARCHDAILY, 2016).

Segundo a equipe do escritório, o projeto propõe um espaço multifuncional com uma área total de 3500 m<sup>2</sup>, onde a capacidade da sala é variável, permitindo de 700 a 250 assentos, com o fim de abrigar espetáculos, apresentações de teatro, concertos, apresentações escolares e demais eventos.

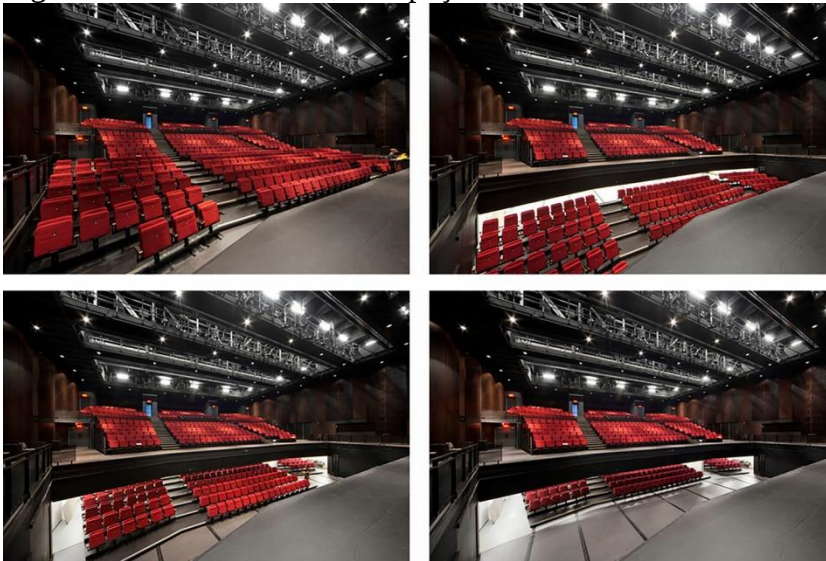
A sala é dividida em três seções que combinam uma série de mecanismos que permitem uma reconfiguração fácil e eficiente. A parte frontal da sala, mais próxima ao palco, consiste numa plataforma "spiralifts" sincronizados com seções de assentos que deslizam sobre trilhos. A parte central tem assentos telescópicos que se retraem para proporcionar espaço adicional quando seja necessário e a parte posterior conta com um mezanino de 184 assentos cujo guarda-corpo pode ser retirado

Figura 18 – Diferentes organizações possíveis do espaço.



Fonte: Archdaily, 2016

Figura 19 – Flexibilidade do Espaço Interno.



Fonte: Archdaily, 2016

A indústria florestal desempenha um importante papel na cidade e, dessa forma, a madeira por ser um material local foi escolhida para valorizar a obra. Assim, a proposta arquitetônica baseia-se em uma malha estrutural de vigas de madeira laminada. A importância da madeira é evidente, valorizando o desenvolvimento local de novas tecnologias que agregam valor a tal recurso natural, tendo em vista que exerce um menor impacto no meio-ambiente que o aço e o concreto.

Figura 20 – Cobertura do edifício.



Fonte: Archdaily, 2016

A proposta arquitetônica do escritório oferece um novo modelo cultural para o desenvolvimento regional que vai além do limite entre o teatro experimental, centro de convenções e sala de concertos. A edificação encontra-se em constante transformação, oferecendo à comunidade diferentes atividades socioculturais, espetáculos artísticos e eventos corporativos durante o ano todo.

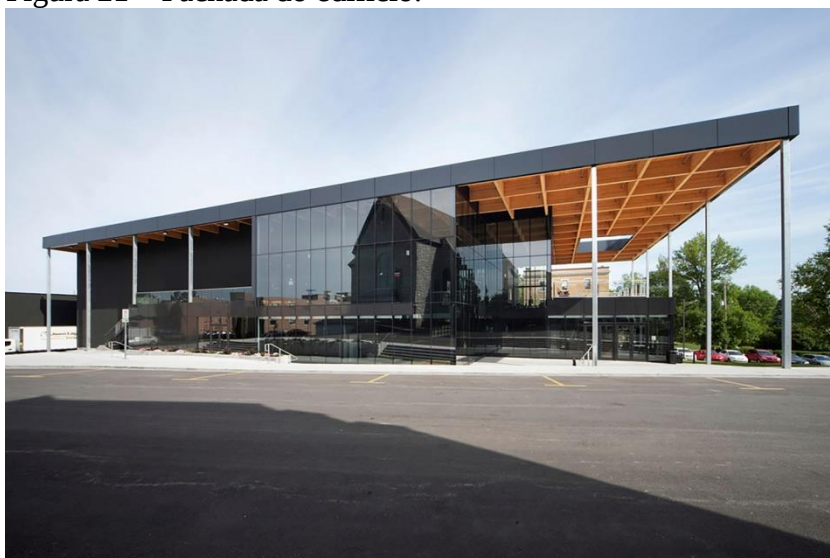
#### 4.3.1 Análise do Correlato

A escolha deste correlato se deu pelo seu aspecto formal, segundo os arquitetos responsáveis pela obra, a forma proposta para esse projeto busca criar um edifício dinâmico e multi-volume, com uma aparência versátil nos ambientes tanto internos como externos.

Como a ideia era de tornar a obra um novo modelo cultural para a comunidade, a obra foi desenvolvida para ser notada naquele espaço, suas fachadas são compostas por linhas lineares e geométricas, criando um contraste entre o peso e a leveza com o uso de tons escuros além da delicadeza remetida pelo uso da madeira e vidros, conforme a figura 20 e 21.

A estrutura do teatro é seu aspecto mais marcante, basicamente formada pela madeira, aço e concreto, sendo a madeira o material de destaque no edifício. Tal estrutura que sustenta o telhado se estende além do edifício, como uma grande marquise, para criar um espaço externo coberto, que possibilita o uso para eventos externos.

Figura 21 – Fachada do edifício.



Fonte: Archdaily, 2016

#### 4.3 SÍNTESE DAS OBRAS CORRELATAS

Os correlatos abordados têm como semelhança a questão de seu edifício marcar a paisagem, relacionando-se com seu entorno e proporcionando uma relação externo-interno, além de agir como uma obra multifuncional para a sociedade, que encontra em tais espaços variados usos.

Em relação à funcionalidade os projetos mostraram diferentes soluções para os espaços, como a setorização, acessos e circulações. Contudo, pode-se perceber que todos os correlatos, até mesmo o Teatro Mont-Laurier utilizado como referência formal, possuem um ponto em comum: a flexibilidade e versatilidade, proporcionando espaços que se transformam, adequando-se a variados eventos e se integrando aos usuários.

A respeito da estética e sistemas estruturais, por se tratar de um edifício de grande vão, os elementos que se destacaram nos correlatos foram o concreto, estruturas em aço e madeira e o vidro, já que são obras que propõe espaços relacionados a eventos, arte e cultura. Todas as obras em sua forma revelam uma contradição de simplicidade e ousadia através de formas lineares e fachadas diversificadas, que transmitem beleza e leveza juntamente.

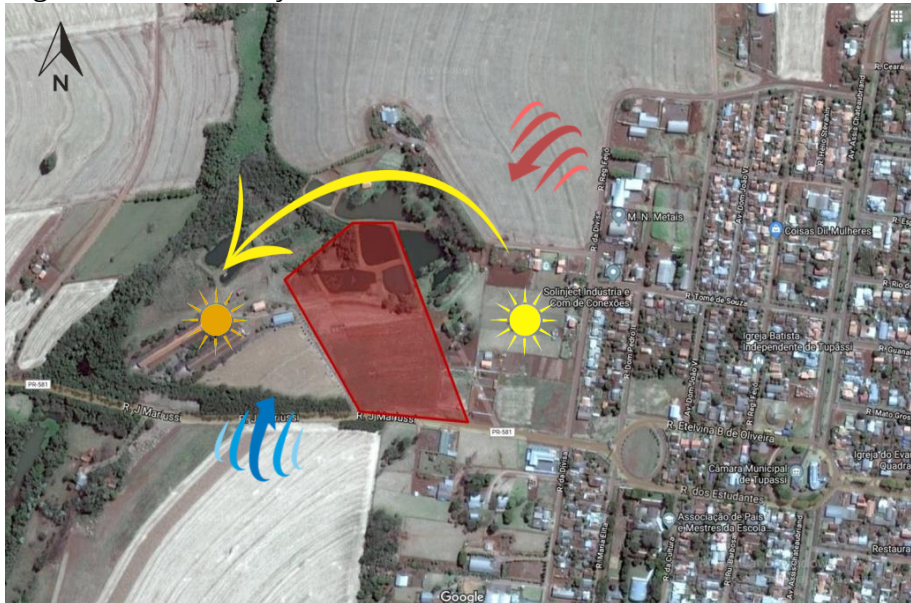
Sendo assim, por meio da união da análise desses três correlatos obteve-se conteúdo e referência para o desenvolvimento do projeto do Centro de Eventos e Lazer proposto para este trabalho, onde essa proposta projetual aborde fundamentos e premissas decorrentes dos aspectos analisados nas obras analisadas.

## 5 DIRETRIZES PROJETUAIS

### 5.1 O TERRENO

O terreno escolhido para a implantação da proposta do Centro de Eventos, Exposições e Lazer para Tupãssi está localizado na PR – 581 no principal acesso da cidade, possuindo uma área de cerca de 52.718 metros quadrados. Para a escolha do terreno, foram levados em consideração alguns critérios, entre eles sua localização que possibilita que o Centro de Eventos se torne uma referência e marco para a cidade, além da proximidade com a área urbana garantir um fácil acesso da população para o uso diário de suas áreas de lazer.

Figura 22 – Localização do terreno e seu entorno.



Fonte: Google Maps, editado pela autora, 2018.

O local da implantação do projeto foi pensado como uma diretriz projetual muito importante, já que sua localização influencia na utilização do espaço pela população. Analisando alguns de seus aspectos físicos, geográficos e naturais percebe-se que o terreno possui fatores que favorecem a implantação do projeto, principalmente em relação às áreas de lazer e ainda favorece uma intenção projetual da interação entre o edifício e a paisagem. O terreno possui uma pequena parte de arborização além de açudes que facilitarão a criação do bosque e lago.

Figura 23 – Vista do terreno.



Fonte: Autora, 2018.

Figura 24 – Vista do terreno.



Fonte: Autora, 2018.

Figura 25 – Vista do terreno.



Fonte: Autora, 2018.

Figura 26 – Vista do terreno.

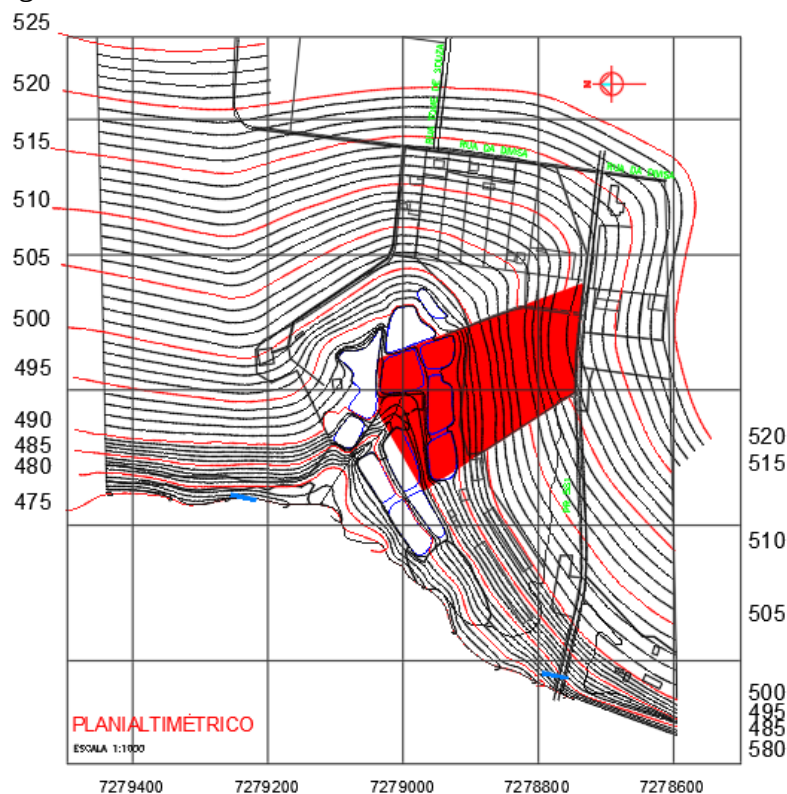


Fonte: Autora, 2018.

Conforme o levantamento planialtimétrico (figura 27), o terreno possui um desnível com cerca de 15 metros. Esse desnível será usado a favor da implantação das áreas de lazer, criando vários espaços e caminhos a serem percorridos por seus usuários.

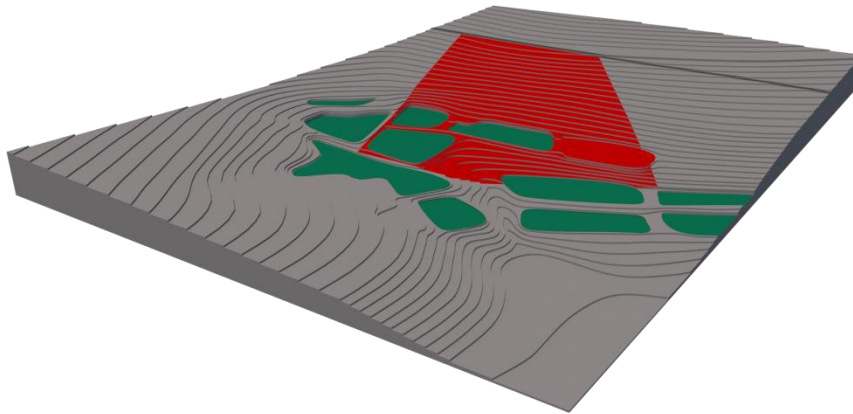
Na visão climática analisou-se a orientação solar e o sentido do vento predominante, sendo que a face frontal e principal do terreno está voltada para o sul e o vento predominante na cidade é nordeste (figura22).

Figura 27 – Levantamento Planialtimétrico do local.



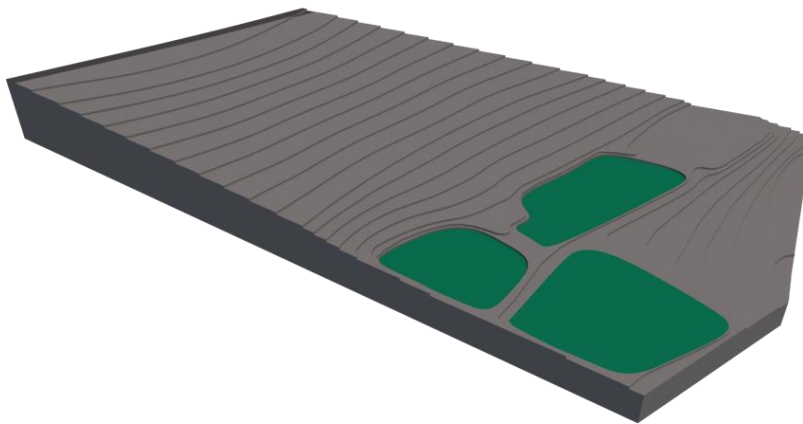
Fonte: Autora, 2018.

Figura 28 – Topografia do terreno e entorno.



Fonte: Autora, 2018.

Figura 29 – Topografia do terreno.



Fonte: Autora, 2018.

## 5.2 PARTIDO ARQUITETÔNICO E CONCEITO DA PROPOSTA PROJETUAL

O partido, na arquitetura, é entendido como a ideia preliminar do edifício projetado. Projetar é o ato de idealizar algo a ser feito e pode-se dizer que o projeto é o documento demonstrativo desse algo idealizado. O partido arquitetônico está inserido no processo de planejamento arquitetônico, idealizar um projeto requer, no mínimo, dois procedimentos: a escolha de uma ideia que poderá servir de base ao projeto e outro, onde essa ideia escolhida é desenvolvida para resultar no projeto. É da primeira etapa, a da escolha da ideia, que resulta o partido, a concepção inicial do projeto (NEVES, 1989).

O partido arquitetônico para o Centro de Eventos, Exposições e Lazer da cidade de Tupãssi foi desenvolvido a partir da ideia de suprir a necessidade e atender a uma grande variedade de eventos e atividades, por este motivo o objetivo é esse conjunto oferecer flexibilidade através de soluções diferenciadas, com uma composição plástica simples e leve. As áreas livres serão um foco do projeto, pois, o espaço terá varias destinações para o lazer da população, desde descanso à entretenimento, o paisagismo será o elo do edifício com a paisagem e o que fará que esse espaço seja utilizado com frequência por toda a população.

Atualmente, a qualidade de vida é um assunto de extrema importância, sendo assim, é necessário criar espaços agradáveis nas cidades para a utilização das pessoas em seu tempo livre, promovendo bem-estar e mais qualidade de vida à população. A ideia é propor um espaço convidativo para a população, onde a intenção projetual é que esse espaço não passe despercebido, que as pessoas queiram se utilizar dele.

A ideia projetual é transformar a arquitetura e o espaço público em espaços totalmente acessíveis e convidativos para a população, revelando a necessidade de utilização e ocupação, da mesma maneira que proporcionando satisfação aos seus usuários, reunindo as pessoas não só e dias de eventos, mas para usos diversos de lazer e encontro. Busca-se uma percepção ambiental, propondo um local contemplativo, usual e que se torne um hábito na vida da população.

### 5.3 INTENÇÕES PROJETUAIS

A organização e disposição do espaço em qualquer proposta projetual tem grande importância, tornando-se indispensável realizar um estudo e análise de entorno, condicionantes do terreno juntamente com o levantamento topográfico realizado sobre a área de implantação da proposta, buscando assim a melhor valorização do espaço.

O terreno no qual será implantado o Centro de Eventos, Exposições e Lazer de Tupãssi será organizado basicamente em dois setores principais: o de eventos e o parque destinado ao lazer da população. Esses espaços possuem um caráter temporal, ou seja, seu uso sofre mudanças no decorrer do ano. Nesse sentido, o setor de eventos torna-se uma expansão do parque na maior parte do tempo, porém, pensando em tornar esse espaço possível de se utilizar mais vezes busca-se criar um espaço flexível, que possa atender uma variedade de eventos.

A concepção do projeto do Centro de Eventos e Lazer buscará atender as seguintes premissas: - A flexibilidade dos tipos de uso, relacionando espaços interiores e exteriores. - A promoção de um espaço público a ser utilizado pela população durante todo ano, mesmo quando não ocorram eventos no pavilhão. - O aproveitamento das características do terreno a favor da implantação, de modo a criar espaços livres e setorizar seu uso buscando sempre promover a flexibilidade. Ainda, é necessário entender o edifício como um objeto de referência para o Município, implantado às margens da rodovia de um dos acessos da cidade, promovendo uma volumetria de clara visualização e reconhecimento pelas pessoas em deslocamento.

A proposta projetual será pensada de forma a garantir uma construção rápida e racional, prezando pela economia de materiais. Levando em consideração de que se trata de um grande vão e a busca da flexibilidade e adaptação do espaço interno, uma das escolhas é a estrutura metálica para a cobertura que proporciona versatilidade, leveza e sua montagem é rápida. Quanto ao parque, serão criados vários caminhos de circulação ligando os ambientes de modo a convidar o usuário a passear pelo parque, visitando os ambientes e contemplando a paisagem.

#### 5.4 PROGRAMA DE NECESSIDADES E SETORIZAÇÃO

O programa de necessidades é o primeiro passo para o desenvolvimento do processo de projeto, pois trata das condições que devem ser seguidas ao longo do projeto, ou seja, ele expõe as propriedades funcionais exigidas pelo contexto de determinado projeto. Além de identificar as atividades envolvidas no projeto e fazer seu pré-dimensionamento físico, o programa também sugere a divisão destas atividades, conforme sua natureza ou utilização, em ambientes e setores distintos (PINTO, 2013).

Desse modo, no processo de projeto o programa de necessidades cumpre um papel importante, que implica em levantar, compreender e organizar as informações necessárias para o desenvolvimento projetual (MOREIRA e KOWALTOWSKI, 2009).

Embasado nas referências, no estudo dos correlatos e nas necessidades do município foi possível elaborar um programa de necessidades que permite a materialização das intenções propostas neste trabalho. Segue o programa de necessidades proposto:

Tabela 01 – Programa de necessidades: setor eventos.

| <b>EVENTOS</b>     |                                                                      |                           |
|--------------------|----------------------------------------------------------------------|---------------------------|
| <b>AMBIENTE</b>    | <b>DESCRIÇÃO</b>                                                     | <b>ÁREA PREVISTA (m²)</b> |
| Pavilhão           | Espaço destinado à realização de eventos e exposições                | 4.000 – 5.000m²           |
| Palco              | Espaço destinado à apresentações e shows                             | 100m²                     |
| Camarim            | Espaço destinado à atender aos shows e apresentações                 | 50m²                      |
| Banheiro Camarim   | Para atender ao camarim                                              | 7m²                       |
| Administração      | Local destinado à serviços administrativos                           | 30m²                      |
| Almoxarifado       | Destinado à armazenagem                                              | 30m²                      |
| Cozinha            | Espaço para atender aos eventos                                      | 90m²                      |
| Copa bebidas       | Destinado ao armazenamento de bebidas e bar em dias de eventos       | 50m²                      |
| Banheiros          | Para o uso do público                                                | 25m² cada                 |
| Depósito           | Espaço para guardar objetos gerais do pavilhão de eventos            | 60m²                      |
| D.M.L              | Local destinado ao armazenamento de materiais de limpeza do edifício | 50m²                      |
| Vestiários         | Local destinado ao uso dos funcionários                              | 35m² cada                 |
| Sala de manutenção | Local destinado a pequenos reparos e manutenção do pavilhão          | 50m²                      |
| Carga e descarga   | Para descarga de equipamento, materiais e outros                     | --                        |
| Estacionamento     | Área destinada a abrigar automóveis em geral                         | 300 vagas (eventos+lazer) |

Fonte: Autora, 2018.

Tabela 02 – Programa de necessidades: setor lazer.

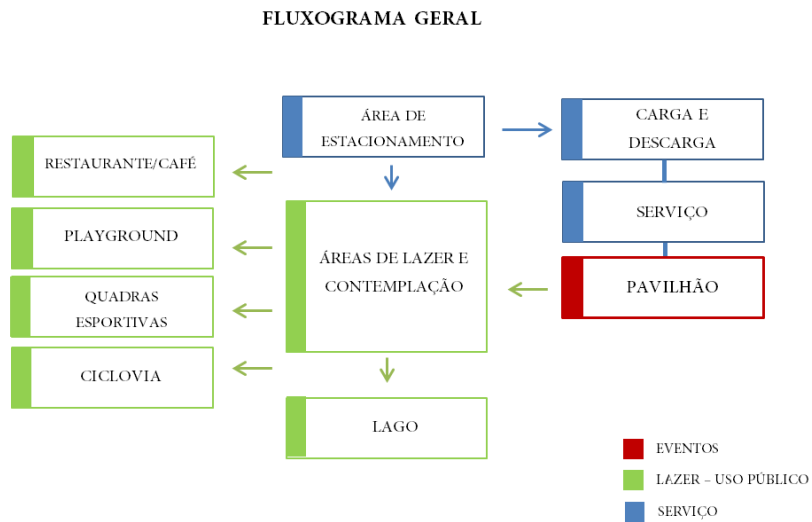
| LAZER                           |                                                                                         |                           |
|---------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------|
| AMBIENTE                        | DESCRIÇÃO                                                                               | ÁREA PREVISTA (m²)        |
| Exposições e parque de diversão | Espaço aberto para receber exposições, shows, parque de diversões e outros equipamentos | --                        |
| Áreas de lazer e contemplação   | Área destinada ao lazer, prática de esportes e atividades para população em geral       | --                        |
| Pista de caminhada e ciclovia   |                                                                                         |                           |
| Playground                      |                                                                                         |                           |
| Quadras esportivas              |                                                                                         |                           |
| Pista de Skate                  |                                                                                         |                           |
| Lago                            |                                                                                         |                           |
| Restaurante/Café                | Espaço para exposição de produtos coloniais além do atendimento ao público              | 150m²                     |
| Lanchonetes                     | Quiosques menores para atender ao público                                               | 50m²                      |
| Banheiros                       | Para o uso do público                                                                   | 30m² cada                 |
| Estacionamento                  | Área destinada a abrigar automóveis em geral                                            | 300 vagas (eventos+lazer) |

Fonte: Autora, 2018.

## 5.5 FLUXOGRAMA

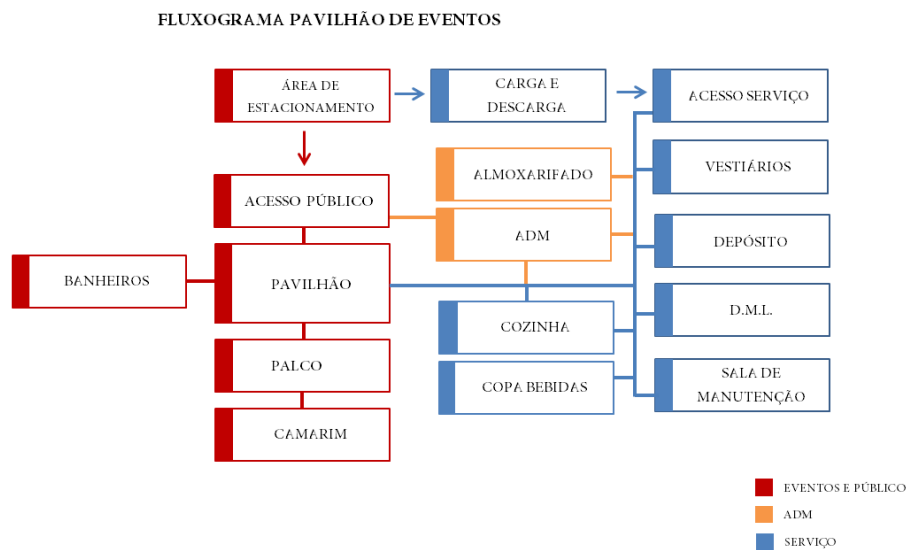
Para entendimento do programa de necessidades foi elaborado o fluxograma, organizando os ambientes da proposta projetual e separando-os em setores de forma a servir de embasamento para o desenvolvimento do plano massa e a implantação. Foi elaborado primeiramente um fluxograma geral para explicar a organização da proposta (figura 30) e, depois um fluxograma específico do pavilhão de eventos (figura 31).

Figura 30 – Fluxograma geral.



Fonte: Autora, 2018.

Figura 31 – Fluxograma Pavilhão de Eventos.

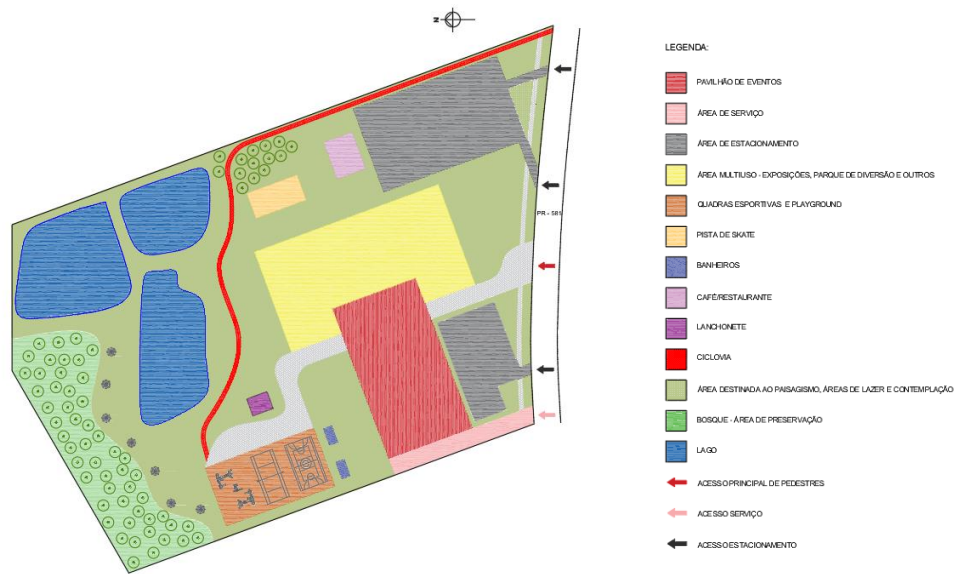


Fonte: Autora, 2018.

5.6 PLANO DE MASSA

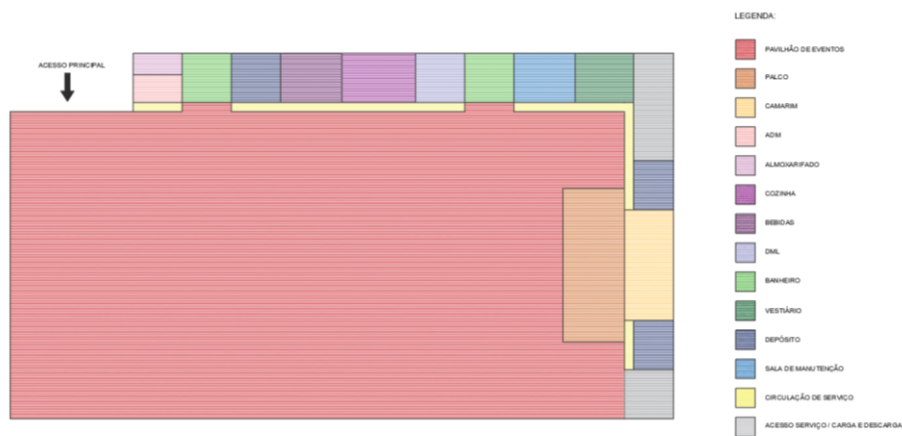
O Plano de Massa é um estudo preliminar da paisagem, servindo de apoio para o desenvolvimento do projeto, onde se define a estrutura básica dos espaços a serem produzidos. É uma etapa de questionamento do plano proposto através do estudo de possibilidades espaciais para a implantação de tal projeto (MACEDO, 1989).

Figura 32 – Plano Massa Geral.



Fonte: Autora, 2018.

Figura 33 – Plano Massa Pavilhão de Eventos.



Fonte: Autora, 2018.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espaços verdes, de lazer e espaços para eventos são de extrema importância para uma cidade, a falta desses locais implica menor interação da população, sendo um problema e resultando em menos qualidade de vida.

Esse trabalho trouxe a necessidade de um Centro de Eventos e Lazer para o Município de Tupãssi – PR, visto que o mesmo não possui um local adequado a esta destinação. O que se pretende é elaborar um espaço, não apenas para eventos e exposições, mas também um parque de qualidade em termos de infraestrutura, integração com a natureza, lazer e relacionamento social.

Buscou-se apresentar desde o início da elaboração desse trabalho bases teóricas e projetuais para servir de embasamento à proposta projetual. Foram expostos estudos com base na relação homem e lazer, divididos em vários temas correspondentes à arquitetura e urbanismo. Inicialmente foram apresentados estudos relativos à cidade e a arquitetura, a história dos eventos e exposições além da origem e importância de locais destinados ao lazer, pois, o homem sempre está em busca de locais que lhes proporcionem comodidade e lazer para desfrutar de momentos de descanso e descontração.

Nas diretrizes projetuais, foram apresentados os principais focos para a elaboração do projeto, deixando evidente que o principal objetivo é a criação de um espaço totalmente flexível que possa receber variados tipos de eventos e ser utilizado pela população diariamente. O terreno escolhido localiza-se nas proximidades da área urbana da cidade, onde o mesmo possui espaços arborizados e lagos, que serão aproveitados para o desenvolvimento da proposta criando um lugar adequado e com vários espaços de contemplação da natureza. Pretende-se ainda resolver os problemas de desníveis do terreno através da adaptação da implantação proposta, focando na preservação da paisagem existente e no paisagismo.

Por fim, a ideia é criar um espaço que busca suprir as necessidades da cidade relacionadas ao lazer e eventos, fazendo deste espaço um atrativo esportivo, cultural e arquitetônico para a cidade e região. O desenvolvimento dessa pesquisa resultou em um embasamento para o desenvolvimento do projeto do Centro de Eventos, Exposições e Lazer e, além disso, um auxílio do desenvolvimento de outras pesquisas com este fim, mostrando a importância de espaços urbanos destinados ao lazer. O projeto do Centro de Eventos, Exposições e Lazer é, sem dúvida, uma oportunidade de criar um espaço que pode um dia ser marco urbano para a cidade, com espaços significativos, que deve ser planejado a partir de todo esse embasamento feito nesse trabalho.

## REFERÊNCIAS

ABBUD, B. **Criando Paisagens: guia de trabalho em arquitetura paisagística**. São Paulo: SENAC, 2006.

ALCANTARA, D. de; ARAÚJO, M. Q.; RHEINGANTZ, P. A. **Os sentidos humanos e a construção do lugar: em busca do caminho do meio para o desenho universal**. Anais do Seminário Acessibilidade no Cotidiano (CD-Rom). Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <[http://www.prolugar.fau.ufrj.br/wp-content/uploads/2017/10/os\\_sentidos\\_humanos\\_safe.pdf](http://www.prolugar.fau.ufrj.br/wp-content/uploads/2017/10/os_sentidos_humanos_safe.pdf)> Acesso em: 29 mar. 2018

ALEX, S. **Projeto da Praça: convívio e exclusão no espaço público**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2008.

AMORIM, C.N.D. **Iluminação Natural e Eficiência Energética – Parte I. Estratégias de Projeto para uma Arquitetura Sustentável**. Brasília, Nov. 2002a.

ARCHDAILY. **Teatro Multifunctional Mont-Laurier / Les architectes FABG**. 2016. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/788440/teatro-multifunctional-mont-laurier-les-architectes-fabg>> Acesso em 09 mai. 2018.

ARGAN, G. C. **História Da Arte Como História da Arquitetura**. 4ed. São Paulo, SP: Editora Martins Fontes, 1998.

BAUMAN, Z. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/baixar-livro-confianca-e-medo-na-cidade-zygmunt-bauman-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/>> Acesso em: 12 mar. 2018.

BENEVOLO, L. **História da Cidade**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2003.

BOTELHO, M. H. C; MARCHETTI, O. **Concreto armado, eu te amo**. 3.ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2002.

BRUAND, Y. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

CABRAL, P.T. M.; BAHIA, M. C.; FIGUEIREDO, S. L. Realidades e desafios dos parques naturais em áreas urbanas: o Parque Estadual do Utinga, em Belém do Pará. In: **Lazer e Sociedade**. Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. São Paulo: EACH/USP: Aleph, 2011.

CÂMARA Municipal de Tupãssi. **História do Município de Tupãssi**. Disponível em: <<http://www.camaratupassi.pr.gov.br/>> Acesso em: 29 mar. 2018.

CARVALHO, R. P. **Acústica Arquitetônica**. 2. ed. Brasília: Editora Arch-Tec, 2010.

CBCA: Centro Brasileiro da Construção em Aço. **Construção em aço: Vantagens**. Disponível em: <<http://www.cbca-acobrasil.org.br/site/construcao-em-aco-vantagens.php>> Acesso em 28 mar. 2018.

CHING, F. **Arquitetura, forma, espaço e ordem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

- CHOAY, F. **O Urbanismo**. 5 ed. São Paulo, SP: Editora Perspectiva S.A., 2003.
- COLIN, S. **Introdução à Arquitetura**. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2000.
- CORBELLA, O.; YANNAS, S. **Em busca de uma arquitetura sustentável para os trópicos**. Rio de Janeiro, Reven, 2003.
- CORBUSIER, L. **A Carta de Atenas**. São Paulo, SP: Editora EdUSP, 1993.
- CULLEN, G. **Paisagem urbana**. Lisboa: Edições 70, 1996.
- CURADO, M. M. C. **Paisagismo Contemporâneo: Fernando Chacel e o Conceito da Ecogênese**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp079212.pdf>> Acesso em 25 de mar. 2018.
- CURITIBA SPACE. **Parque Barigui**. 2018. Disponível em: <<http://www.curitibaspace.com.br/parque-barigui/>> Acesso em: 09 mai. 2018.
- DANTAS, A. D. **Os Pavilhões Brasileiros nas Exposições Internacionais**. Dissertação (Mestrado Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- DEL RIO, V. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. São Paulo, SP: Editora Pini, 1990.
- DIAS, L. A.M. **Aço e Arquitetura: Estudos de edificações no Brasil**. São Paulo: Zigurate Editora, 2001.
- DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva: SESC, 1999.
- ESTÚDIO 41. **Centro Cultural de Eventos E Exposições de Cabo Frio - RJ**. 2018. Disponível em: <<http://www.estudio41.com.br/projeto/centro-cultural-de-eventos-e-exposicoes-de-cabo-frio-rj/>> Acesso em: 03 mai. 2018.
- FARAH, I.; SCHLLE, M. B.; TARDIN, R. **Arquitetura Paisagística Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.
- FARIAS, N. **Centro de Eventos do Barigui**. Galeria da Arquitetura. 2018. Disponível em: <[https://www.galeriadaarquitetura.com.br/projeto/mca-manoel-coelho-arquitetura-design\\_/centro-de-eventos-do-barigui/2313](https://www.galeriadaarquitetura.com.br/projeto/mca-manoel-coelho-arquitetura-design_/centro-de-eventos-do-barigui/2313)> Acesso em: 09 mai. 2018.
- FROTA, A. B.; SCHIFFER, S. R. **Manual de conforto térmico**. 8. ed. São Paulo : Studio Nobel, 2003.
- GATTO, A.; WENDLING, I. **Solo, planta e água na formação da paisagem**. Viçosa, MG: Aprenda Fácil, 2002.
- GUIA GEOGRÁFICO. **Parques de Curitiba: Parque Barigui**. 2018. Disponível em: <<http://www.curitiba-parana.net/parques/barigui.htm>> Acesso em: 09 mai. 2018.

GYMPEL, J. **História da arquitetura:** da antiguidade aos nossos dias. São Paulo: Editora Konemann, 2000.

GLANCEY, J. **A história da arquitetura.** São Paulo, SP: Edições Loyola, 2001.

HERTZBERGER, H. **Lições de Arquitetura.** 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HEYWOOD, H. **101 regras básicas para uma arquitetura de baixo consumo energético.** São Paulo: Gustavo Gili, 2015.

JODELET, Denise. A cidade e a memória. In: RIO, V. d.; DUARTE, C. R.; RHEINGANTZ, P. A. (Org.). **Projeto do Lugar:** colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo. 1. ed. Rio de Janeiro, 2002, v.1 , p. 31-43.

KEELER, M.; BURKE, B. **Fundamentos de Projeto de Edificações Sustentáveis.** Porto Alegre: Brookman, 2010.

LAMBERTS, R.; DUTRA, L.; PEREIRA, F. O. R. **Eficiência energética na arquitetura.** 2.ed. São Paulo: Prolivros, 2004.

LERNER, J. **Acupuntura urbana.** 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

LIMA, M. R. C. **Percepção Visual Aplicada à arquitetura e à Iluminação.** Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda., 2010.

LIRA FILHO, J. A. **Paisagismo: elementos de composição e estética.** Viçosa, MG: Aprenda Fácil, 2002. Disponível em: <[http://www.uesb.br/flower/alunos/arquivos/\(paisagismo%20elementos%20de%20composicao%20e%20es%20-%20JOSE%20AUGUSTO%20DE%20LIRA%20FILHO\[1\].pdf](http://www.uesb.br/flower/alunos/arquivos/(paisagismo%20elementos%20de%20composicao%20e%20es%20-%20JOSE%20AUGUSTO%20DE%20LIRA%20FILHO[1].pdf)> Acesso em: 11 mai. 2018.

LIRA FILHO, J. A. **Paisagismo: Princípios básicos.** Viçosa, MG: Aprenda Fácil, 2001.

LOPES, A. P. Q. **Exposições universais Parisienses oitocentistas.** Prova final de Licenciatura em Arquitetura/DARQ/FCTUC/COIMBRA/ 2007.

LYNCH, K. **A Imagem da Cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MACEDO, S. S. **Plano de Massas – Um instrumento para o desenho da paisagem.** Paisagem e ambiente: ensaios. n. 3. Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, FAU, 1989. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/133630/129598>> Acesso em: 20 mai. 2018.

MACEDO, S. S.; SAKATA, F. G. **Parques urbanos no Brasil.** 2 ed. São Paulo, SP: EDUSP, 2003.

MARICATO, Ermínia. **Brasil, cidades alternativas para a crise urbana.** 6ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.

MATIAS, Marlene. **Organização de Eventos: Procedimentos e Técnicas.** São Paulo: Manole, 2003.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e esporte: políticas públicas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

MARQUES, A. M. F. **Por uma Arquitectura dos Sentidos**: Uma Experiência Multi-Sensorial Contemporânea. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Coimbra, 2011. Disponível em: <<https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/15824>> Acesso em: 29 mar. 2018.

MASCARÓ, L.; MASCARÓ, J. L. **Vegetação Urbana**. Porto Alegre: FINEP UFRGS, 2002.

MASCARÓ, J. L. **Infra-estrutura da paisagem**. Porto Alegre: Masquatro, 2008.

MCA. **Expo Barigui**. 2018. Disponível em: <<http://www.mcacoelho.com.br/?portfolio=expo-barigui>> Acesso em: 09 mai. 2018.

MENDES, C; VERISSIMO, F; BITTAR, W. **Arquitetura no Brasil**: de Dom João VI a Deodoro. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.

MIRANDA, D. S. **O parque e a arquitetura**: uma proposta lúdica. 2.ed. Campinas, SP: Papirus Editora, 2001.

MONASTERIO, C. M. C. T. **O processo de projeto da arquitetura efêmera vinculada a feiras comerciais**. Dissertação (Mestrado Engenharia Civil) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia da Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual de Campinas, 2006.

MOREIRA, D. C.; KOWALTOWSKI, D. C. K. **Discussão sobre a importância do programa de necessidades no processo de projeto em arquitetura**. Ambiente Construído, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 31-45, abr./jun. 2009.

NETTO, J. T. C. **A construção do sentido na arquitetura**. 5 ed. São Paulo, SP: Editora Perspectiva, 2002.

NEUFERT, E. **Arte de Projetar em Arquitetura**. 18. ed. São Paulo: Editora Gilli, 2014.

NEVES, L. P. **Adoção do Partido na Arquitetura**. Salvador, Centro Editorial e Didático da UFBA, 1989. Disponível em: <<http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/17730/material/Ado%C3%A7%C3%A3o%20do%20partido%20na%20arquitetura%20-%20Laert.pdf>> Acesso em: 19 mai. 2018.

NIEMEYER, O. **A forma da arquitetura**. 4 ed. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

NUNES JUNIOR, P. C. Parques urbanos: intersecções entre lazer e espaço na cidade. In: **Lazer e Sociedade**. Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. São Paulo: EACH/USP: Aleph, 2011.

OLIVEIRA, A. J. A. **As sensações e as Interpretações humanas**. 2007. Disponível em: <<http://pordentrodaciencia.blogspot.com.br/2007/12/as-sensaes-e-as-interpretaes-humanas.html>> Acesso em: 29 mar. 2018.

OLIVEIRA, M. **Introdução a Eventos**. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Paraná. Educação a Distância. Grupo e-Tec Brasil: Curitiba, 2011. Disponível em: <[http://proedu.ifce.edu.br/bitstream/handle/123456789/296/2a\\_Disciplina\\_-\\_Introducao\\_a\\_Eventos.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://proedu.ifce.edu.br/bitstream/handle/123456789/296/2a_Disciplina_-_Introducao_a_Eventos.pdf?sequence=1&isAllowed=y)> Acesso em: 29 mar. 2018.

PARRA FILHO, D.; SANTOS, J. A. **Metodologia Científica**. 2. ed. São Paulo: Futura, 1998.

PEREIRA, J. R. A. **Introdução História da Arquitetura: Das Origens ao Século XXI**. Porto Alegre: Editora Bookman, 2010.

PINTO, A. D. S. **O papel do programa de necessidades no processo de projeto arquitetônico**. Revista Especialize On-line IPOG. Goiânia, 5ed. , nº 5, v. 01/2013.

PREFEITURA DE CURITIBA. **Parques e Bosques: Parque Barigui**. 2017. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/parques-e-bosques-parque-barigui/292>> Acesso em: 09 mai. 2018.

PREFEITURA DE TUPÃSSI. **Nossa Cidade: História**. 2018. Disponível em: <<http://www.tupassi.pr.gov.br/index.php?sessao=b054603368ncb0&id=1624>> Acesso em: 29 mar. 2018.

PRONSATO, S. A. D. **Arquitetura e Paisagem Projeto Participativo e Criação Coletiva**. São Paulo, SP: Editora Annablume; Fapesp; Fupam, 2005.

ROBBA, F.; MACEDO, S. S. **Praças Brasileiras**. 3. Ed. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

ROMEFFRO, M. A. B. **Arquitetura Bioclimática do Espaço Público**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

RUIZ, J. A. **Metodologia Científica: guia para eficiência nos estudos**. 5.ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2002.

SCALISE, W. **Parques Urbanos - evolução, projeto, funções e uso**. Revista Assentamentos Humanos, Marília, v4, n. 1, p17-24, 2002. Disponível em: <[http://www.unimar.br/feat/assent\\_humano4/parques.htm](http://www.unimar.br/feat/assent_humano4/parques.htm)> Acesso em: 23 mar. 2018.

SPADA, A. **Turismo e eventos: os festejos farroupilhas de Caxias do Sul – RS**. 2013. Dissertação (Mestrado acadêmico em turismo) Universidade de Caxias do Sul, 2013.

SCOPEL, V. G. **Percepções do Ambiente e a Influência das Decisões Arquitetônicas em Espaços de Trabalho**. USTJ – Universidade São Judas Tadeu. Revista Arq.Urb. n.13. 1 Primeiro Semestre. São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.usjt.br/arq.urb/numero-13/9-vanessa-scopel.pdf>> Acesso em 29 mar. 2018.

SZEREMETA, B.; ZANNIN, P. H. T. **A importância dos parques urbanos e áreas verdes na promoção da qualidade de vida em cidades**. Revista Ra'ega, Curitiba, v. 29, p. 177-193, dez/2013. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/30747/21483>> Acesso em: 11 mai. 2018.

VIANA, L. Q.; RHEINGANTZ, P. A. **Arquitetura Contemporânea: Abordando Coletivamente Lugar, Processo de Projeto e Materialidade.** Gestão & Tecnologia de Projetos, Brasil, v. 7, n. 1, p. 20-37, 2012. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/gestaodeprojetos/article/view/51018/55085>> Acesso em: 29 mar. 2018.

VIEIRA, I. **Centro Cultural de Eventos E Exposições de Cabo Frio.** Galeria da Arquitetura. 2018. Disponível em: <[https://www.galeriadaarquitetura.com.br/projeto/estudio-41\\_/centro-cultural-de-eventos-e-exposicoes-de-cabo-frio/1051](https://www.galeriadaarquitetura.com.br/projeto/estudio-41_/centro-cultural-de-eventos-e-exposicoes-de-cabo-frio/1051)> Acesso em 03 mai. 2018.

WATERMAN, T. **Fundamentos de Paisagismo.** Porto Alegre, RS: Editora Bookman, 2010.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a Arquitetura.** 5 ed. São Paulo, SP: Editora Martins Fontes, 1996.